

Maria Ana de Cabral Pereira

**PERSONALIDADE, PERCEÇÃO DE RISCO E COMPORTAMENTOS
DE RISCO: PROFISSÕES DE MAIOR RISCO VS. PROFISSÕES DE
MENOR RISCO**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Instituto Superior de Engenharia
Escola Superior de Saúde
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
2018

Maria Ana de Cabral Pereira

**PERSONALIDADE, PERCEÇÃO DE RISCO E COMPORTAMENTOS
DE RISCO: PROFISSÕES DE MAIOR RISCO VS. PROFISSÕES DE
MENOR RISCO**

Mestrado em Segurança e Saúde no Trabalho

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professora Doutora Gabriela Gonçalves



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Instituto Superior de Engenharia
Escola Superior de Saúde
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2018

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Maria Ana de Cabral Pereira

Copyright © em nome de Maria Ana de Cabral Pereira, para a Universidade do Algarve, Instituto Superior de Engenharia

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respectivos.

Todos os trabalhos que se encontram presentes nesta dissertação foram referenciados de acordo com o Manual de Publicação da APA – 6.^a Edição (2010)

Dedicatória e Agradecimentos

Dedico esta dissertação aos meus avós, Manuela e José Cabral.

À Professora Doutora Gabriela Gonçalves, sob cuja orientação elaborei esta dissertação, a gratidão sincera, pela confiança demonstrada, pela imensa paciência, pelos seus ensinamentos, pela pertinência das suas opiniões e críticas, disponibilidade, empenho e apoio incondicional. A palavra “obrigado” é pouco.

Ao Diretor do Mestrado, Professor Doutor António Sousa, ao Professor Doutor Rui Gaspar, e a todos os restantes professores que me acompanharam no decorrer do mestrado, muito obrigada pela ajuda, ensinamentos, orientações e contribuições.

Aos meus colegas de Mestrado, em especial à Emerança, Zica, Filipa e Paulo, por todos os conselhos, apoio e companheirismo.

A todos aqueles que se dispuseram a ajudar a responder ao inquérito, porque sem vós a recolha desses dados teria sido impossível.

À minha família, pela minha ausência nestes tempos conturbados, em especial à minha avó, Manuela Cabral, aos meus irmãos: Sara Valy, Gabriel, Buck Hickman e Fernando Pereira, ao meu pai, Luís Pereira, um obrigado por acreditarem em mim e terem estado presentes em todas as minhas jornadas, que mesmo distantes deram-me sempre apoio e carinho. Aos meus sobrinhos, Aiden e Mia, que vieram dar cor à minha vida, que a tia venha a ser um incentivo para vocês quando crescerem meus amores.

Ao Luís Rosado, por ter caminhado sempre ao meu lado desde o início desta aventura e me ter apoiado em todos os momentos. Pelo carinho, apoio, encorajamento, compreensão, paciência (sei que nem sempre foi fácil), por ter sempre acreditado em mim, nas minhas capacidades e aturado o meu mau feitio, e ter conseguido tornar os momentos mais difíceis em momentos mais descontraídos.

À Daiana Ferreira, que acreditou mais vezes em mim do que eu própria e me encorajou, sendo como uma irmã e um exemplo para mim. O teu coração é inigualável. Um dia quero ser como tu.

Aos meus amigos/as, por serem uma peça tão importante na minha vida, pela atenção e força que me prestaram em momentos menos fáceis, pelas conversas, apoio, risadas, por terem sempre uma palavra amiga, reconfortante e animadora. Vocês tornam tudo mais fácil.

Ao que de melhor a universidade me trouxe. Ricardo Néné, por seres o afilhado, irmão e base imprescindível que és para mim. Beatriz Aguiar, que mesmo longe está sempre presente e por seres das minhas maiores motivações. Marta Jóia, por me mostrares que nunca é tarde para seguirmos os nossos sonhos. À Melânia Strino, que por mesmo que tenhamos seguido caminhos diferentes, seres a irmã e amiga que és para mim. Por sempre me teres apoiado.

O meu agradecimento a todos aqueles que, de um modo ou de outro, tornaram possível a realização da presente dissertação e me acompanharam ao longo do meu percurso académico, tornando-o ainda mais enriquecedor.

Resumo

Nos últimos anos, a investigação tem procurado compreender o papel preditor dos atributos de personalidade e da perceção de risco nos comportamentos de segurança no trabalho. Entre os vários atributos, a procura de sensações, a assunção de risco e o otimismo são dos atributos mais referenciados e analisados como preditores dos comportamentos de segurança. Por outro lado, a variável perceção de risco tem surgido como mediadora da relação entre estas variáveis de personalidade e os comportamentos de risco. Entre estas, a procura de sensações e a assunção de risco surge associada às opções ocupacionais tornando mais pertinente a análise comparativa destes preditores em função das atividades profissionais.

Atendendo às diferenças na seleção e formação em saúde e segurança dos profissionais de atividades de maior risco de acidente (emergência médica, socorristas, bombeiros, militares, etc.) comparada com os profissionais de outras atividades (esteticista, lojista, gestor de projetos, etc.), foi nosso objetivo observar a relação entre estas variáveis e as diferenças entre profissionais de risco e profissionais de menor risco no contexto Português. Neste sentido, foi desenvolvido um estudo quantitativo correlacional com base num questionário *self-report*. Os dados foram recolhidos numa amostra de 238 participantes de ambos os géneros, sendo 48.7% profissionais de risco e 51.3% profissionais de não risco.

Apesar dos profissionais de risco apresentarem maiores níveis de comportamentos de segurança, as diferenças não são significativas. Das variáveis de personalidade, os profissionais de risco apresentam valores significativamente superiores na variável assunção de riscos. Em termos correlacionais, os valores observados vão de encontro às expectativas. Apresenta-se uma reflexão dos resultados e das suas implicações teóricas e práticas.

Palavras-Chave: procura de sensações; otimismo; assunção de riscos; comportamentos de segurança física; comportamentos de segurança psicológica.

Abstract

In recent years, research has sought to understand the predictive role of personality attributes and risk perception in workplace safety behaviors. Among the various attributes, the search for sensations, risk assumption and optimism are the attributes most referenced and analyzed as predictors of safety behaviors. On the other hand, the variable risk perception has emerged as a mediator of the relationship between these personality variables and risk behaviors. Among these, the search for sensations and risk assumption appears to be associated with occupational choices, making the comparative analysis of these predictors more pertinent in relation to professional activities

Considering the differences in the selection and training in health and safety of the professionals of activities of greater risk of accident (medical emergency, lifeguards, firemen, military, etc.) compared to professionals of other activities (beautician, shopkeeper, project manager, etc). It was our objective to observe the relationship between these variables and the differences between risk professionals and lower risk professionals in the Portuguese context. In this sense, a quantitative correlation study was developed based on a self-report questionnaire. Data were collected from a sample of 238 participants of both sexes, 48.7% of whom were at risk and 51.3% were non-risk professionals.

Although risk professionals present higher levels of safety behaviors, the differences are not significant. Of the personality variables, risk professionals present significantly higher values in the variable risk assumption. In correlation terms, the observed values meet the expectations. It presents a reflection of the results and their theoretical and practical implications.

Keywords: search for sensations; optimism; assumption of risks; physical security behaviors; psychological security behaviors.

Índice de Matérias

Págs.

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. ESTADO DA ARTE.....	4
2.1. Personalidade	5
2.1.1. Procura de Sensações	5
2.1.2. Assunção de Riscos	7
2.1.3. Otimismo Disposicional	9
2.2. Perceção de Risco.....	10
2.3. Comportamentos de Segurança	13
3. ESTUDO EMPÍRICO	15
3.1. Delimitação do problema	16
3.2. Método	18
3.2.1. Participantes:	18
3.2.2. Procedimento:.....	19
3.2.2.1. Recolha de Dados:.....	19
3.2.2.2. Análise dos Dados:.....	20
3.2.3. Instrumentos:	20
3.3. Apresentação e Análise dos Resultados	24
3.3.1. Variáveis de personalidade	24
3.3.2. Variável da perceção de risco.....	25
3.3.3. Variáveis dos comportamentos de segurança física e psicossocial	26
3.3.4. Análises das correlações.....	29
3.4. Discussão e conclusões	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
6. ANEXOS.....	61

Índice de Tabelas

Tabela 3.1: Outras características sociodemográficas e profissionais da amostra.....Pág.19

Tabela 3.2: Análise descritiva das variáveis de personalidade em função do riscoPág.25

Tabela 3.3: Análise descritiva da variável percepção de risco - preocupação e receio nas profissões de risco e não risco.....Pág.26

Tabela 3.4: Análise descritiva das variáveis do comportamento de segurança física e psicossocial nas profissões de risco e não risco.....Pág.27

Tabela 3.5: Comparação das médias nas escalas e dimensões para os dois tipos de profissões.....Pág.28

Tabela 3.6: Análise das correlações entre as variáveis de personalidade, percepção de risco e comportamentos de segurança.....Pág.29

Índice de Figuras

Figura 3.1: Modelo de análise de relação entre as variáveis em estudo.....Pág.17

Figura 3.2: Valores descritivos (M e SD) dos atributos de personalidade em função da variável profissão risco.....Pág.24

Figura 3.3: Valores descritivos (M e SD) do traço da percepção de risco em função da variável profissão risco.....Pág.25

Figura 3.4: Valores descritivos (M e SD) das variáveis dos comportamentos de segurança física e psicossocial em função da variável profissão risco.....Pág.26

1. INTRODUÇÃO

As atividades profissionais de primeira resposta (tais como bombeiros, socorristas, emergência médica, etc.) assim como militares, patrulheiros, agentes de segurança são atividades profissionais consideradas ocupações profissionais de alto risco¹. São atividades de extrema pressão de tempo e risco de acidente (e.g., Adler-Tapia, 2014; Kunadharaju, Smith, & DeJoy, 2011; US Fire Administration, 2009) com consequências nefastas para o próprio e para os outros. Apesar do treino constante que estes profissionais recebem, continua a registar-se um elevado índice de acidentes quer em situação de treino quer no exercício da atividade (e.g., US Fire Administration, 2014). Portugal não “foge a esta regra”, apesar de uma vasta e fundamentada formação e treino, são observáveis valores elevados de acidentes com lesões nestes profissionais.

A investigação sobre segurança ocupacional tem mostrado que as variáveis antecedentes dos acidentes de trabalho estão associadas a variáveis organizacionais como o clima de segurança organizacional (e.g., Bronkhorst, 2015), exigências do trabalho, tais como a pressão de tempo (e.g., Bronkhorst, 2015) e comportamentos de segurança no trabalho (e.g., Bronkhorst, 2015). Por outro lado, uma vasta literatura relativa aos acidentes de trânsito tem contribuído para evidenciar o papel antecedente de outras variáveis tais como atitudes face à segurança e cumprimento de normas, atributos de personalidade e perceção de risco nos comportamentos de risco e consequentes acidentes (e.g., Chen, 2009; Ulleberg & Rundmo, 2003). Entre os atributos de personalidade mais apontados pela literatura como antecedentes dos comportamentos de segurança, comportamentos de risco e acidentes surgem a procura de sensações, o otimismo disposicional e a assunção de risco como variáveis de personalidade (Carver & Scheier, 2014). A procura de sensações diz respeito à propensão do indivíduo para se envolver em situações de risco na procura de novidades e estimulação (Zuckerman, 1979). Por sua vez, o otimismo é um construto que se refere a expectativas generalizadas favoráveis, ou seja, é a disposição para encarar as coisas pelo seu lado positivo e esperar sempre por um desfecho favorável, mesmo em situações muito difíceis, com relação a acontecimentos futuros e que influencia a maneira como a pessoa se percebe a si mesma e o mundo ao seu redor (Carver, Scheier, & Segerstrom, 2010). A assunção de risco pode ser definida como o realizar

¹ Vários investigadores e organismos organizaram as ocupações profissionais em termos de grau de risco. A título de exemplo, Connecticut Department of Labor (<https://www.ctdol.state.ct.us/wgwkstnd/highrisk.htm>), classificou em baixo e alto risco. Por sua vez, Zuckerman (1994) categorizou em 10 níveis de risco.

ações, de forma voluntária e consciente, de exposição ao perigo (Klen, 1986) podendo ter resultados desejáveis ou indesejáveis. Dito de outra forma, nas palavras de Surry (1969, p. 60): “*desempenho desejado de uma ação que deve ter um grau de risco diferente de zero*” (in Salminen, Klen, & Ojanen, 1999, p. 144).

A par das variáveis de personalidade, as variáveis da cognição social desempenham um papel relevante na segurança ocupacional. Ambos os quadros teóricos contribuem para a explicação dos comportamentos individuais e sociais. Com o objetivo de integrar a perspectiva da cognição social consideramos a variável percepção de risco. Esta variável é definida pela percepção de probabilidade de um evento desagradável como um acidente e preocupação com a eventualidade da ocorrência (Leroy, 2005; Salminen, Klen, & Ojanen, 1999). A este propósito, o Modelo de Crença de Saúde (Glanz, Rimer, & Lewis, 2002) considera que quanto maior percepção de risco, mais os indivíduos desenvolvem comportamentos de segurança. Embora a percepção de risco seja amplamente estudada em certos contextos como a saúde ocupacional, trânsito, psicologia da saúde e psicologia ambiental, a relação entre percepção de risco e comportamentos de segurança continua a ser pouco clara (Taylor & Snyder, 2017).

Tanto quanto nos é dado a conhecer são poucos os estudos que integram a perspectiva da personalidade e da cognição social na análise dos antecedentes dos comportamentos de segurança em profissionais de ocupações de risco em particular nos profissionais Portugueses.

Assume-se neste estudo que os profissionais de atividades de maior risco (tais como os agentes de primeira resposta, militares, etc.) desempenham uma atividade de elevada pressão e exigência e, portanto, apesar do treino e formação podem incorrer em comportamentos de risco. Assim, a variável output considerada são os comportamentos de segurança relativos a segurança física e segurança psicossocial e que podem ser de dois tipos: conformidade com a segurança e participação (Griffin & Neal, 2000; Neal & Griffin, 2006). A conformidade com a segurança descreve os principais comportamentos que os funcionários devem realizar para manter a segurança no local de trabalho enquanto a participação na segurança descreve os comportamentos que não contribuem diretamente para a segurança pessoal de um indivíduo, mas que ajudam a desenvolver um ambiente que suporte a segurança.

Deste modo, foi nosso objetivo analisar a relação das variáveis de personalidade (procura de sensações, otimismo e assunção de riscos) e da percepção de de risco

(probabilidade e receio e preocupação) nos comportamentos de segurança físicos e psicológicos (conformidade e participação) nas profissões de risco vs. não risco. Em Portugal os estudos são escassos, em particular a integração da personalidade e dos atributos social cognitivos na análise dos determinantes dos comportamentos de risco e segurança. Compreender e identificar a relação destas variáveis com este tipo de comportamentos contraproduativos (Van Zyl & de Bruin, 2018) permite ajudar a desenhar estratégias e técnicas de seleção e de desenvolvimento de competências profissionais que contribuam para minorar os acidentes e lesões. Em termos de seleção, esta questão assume particular importância na medida em que a opção profissional é explicada em parte pela personalidade em particular a assunção de risco e a procura de sensações (e.g., Musolino & Hershenson, 1977).

Numa primeira parte é abordado o estado da arte e reflexão teórica que suporta o nosso problema e a metodologia da investigação. Na segunda parte, a descrição do estudo inclui a metodologia e respetiva população e amostra, instrumentos e procedimentos. São ainda apresentados nesta parte os resultados, em termos descritivos e inferenciais e a sua discussão. Por último, apresentamos as conclusões e considerações finais, onde apresentaremos as limitações do estudo e a reflexão sobre estudos futuros.

2. ESTADO DA ARTE

2.1. Personalidade

A personalidade resulta do conjunto de traços e mecanismos psicológicos organizados e relativamente duradouros que fazem parte do indivíduo e que vão exercer influência nas suas interações e adaptações em ambientes, físico, social e intrapsíquico (e.g., Larsen & Buss, 2010). Para Eysenck (1985), o estudo da personalidade é feito através da descrição e da explicação dos comportamentos. Por outro lado, Allport (1973) define a personalidade como a persistência do comportamento dos indivíduos ao longo do tempo e das situações, sendo esta caracterizada pela sua própria individualidade e singularidade. De acordo com as Teorias do Traços (Allport, 1937; DeYoung, Quilty, & Peterson, 2007; John, Naumann, & Soto, 2008; Lee & Ashton, 2008; McCrae & Costa, 2008) e as Teorias cognitivas da Personalidade (eg., Kelly, 1963; Bandura, 1999; Cervone, 2004; Read, Brownstein, Yang, Chopra, & Miller, 2010), a personalidade refere-se assim às características dos próprios indivíduos, sendo esta única e diferenciando os indivíduos entre si, a partir de padrões consistentes de pensamentos, comportamentos e sentimentos (Trentini, Hutz, Bandeira, Teixeira, Gonçalves, & Thomazoni, 2009). Em consequência, os traços de personalidade constituem uma ferramenta preditiva e descritiva do comportamento e do desempenho específico de cada indivíduo. Razão pela qual, nos últimos anos, temos assistido a um aumento significativo da investigação sobre os efeitos da personalidade e das características cognitivas no desempenho profissional (Barrick & Mount, 1991) e nos comportamentos de segurança. Entre os vários atributos mais apontados pela investigação como preditores dos comportamentos de segurança estão: procura de sensações (PS), otimismo disposicional (OD) e assunção de riscos (AR).

2.1.1. Procura de Sensações

Especialistas e investigadores defendem que a procura de sensações (PS) resulta da interação de fatores sociais, psicofisiológicos, genéticos e biológicos (e.g., Zuckerman, Buchsbaum, & Murphy, 1980; Zuckerman, 1983, 1984, 1990, 1994, 1996) e afetam atitudes, comportamentos e preferências.

Foi a partir dos trabalhos sobre reações perante situações de privação de estímulos, que Zuckerman (1994, cit in Zuckerman, 2007) defendeu a existência de uma variável de personalidade, relativa à necessidade de experiências e sensações novas e variadas, bem como

à disposição para assumir riscos físicos e sociais para conseguir alcançar tais experiências. Este traço foi originalmente referido como “*sensation seeking*” (procura de sensações), e em 1994, Zuckerman definiu o traço como “*caraterística definida pela procura de sensações e experiências novas, variadas, complexas e intensas e pela vontade de assumir riscos físicos, sociais, legais e financeiros por causa de tais experiências*” (in Zuckerman, 2007, p. 49). É um construto multidimensional que agrupa quatro dimensões: procura de novidades e aventura (e.g., apetência por participações em desportos de alto risco), procura de experiências e sensações (relativo à necessidade de experiências novas e excitantes e associado a todos os tipos de comportamento de risco), desinibição (desejo de risco em termos sociais e em relação à saúde), e suscetibilidade ao aborrecimento (relativo à intolerância e à monotonia) (Zuckerman & Kuhlman, 2000). Em 1996, Arnett, define PS em termos de intensidade do desejo pela novidade e pelo nível de estimulação sensorial. O atributo de PS implica uma abertura para a experiência, sendo que os indivíduos que obtêm resultados altos neste traço terão uma inclinação para vivenciar e experienciar de uma forma intensa e ativa a complexidade dos estímulos existentes (Oliveira, 2008). Em consequência, indivíduos com valores elevados de PS são mais imaginativos, originais, curiosos sobre assuntos internos e externos, propensos a ter novas ideias e as suas vidas são mais ricas em experiências. São indivíduos com ideias e valores pouco convencionais que procuram situações novas, antevendo uma elevada satisfação neste tipo de situações (Hutz, Nunes, Silveira, Serra, & Anton, 1998) quer estejam associadas a emoções positivas quer a emoções negativas. Deste modo, os indivíduos que apresentem valores mais elevados face à procura de sensações, tendem a escolher comportamentos que aumentem a estimulação, ao envolverem-se e motivarem-se em atividades que apresentam mais riscos, manifestando comportamentos mais inseguros e desvalorizando a probabilidade de se envolverem em algum tipo de acidentes (Zuckerman, 1994). Em contrapartida, indivíduos com um nível baixo de PS tendem a ser conservadores nos seus pontos de vista, sensatos e convencionais nos seus comportamentos, possuindo interesses limitados e preferindo o familiar ao invés das novidades (Hutz, Nunes, Silveira, Serra, & Anton, 1998).

Diversos estudos têm permitido observar a PS como um forte preditor de comportamentos de risco, como a prática de desportos radicais, o consumo de álcool e de drogas, experiências sexuais de risco, condução perigosa, comportamentos antissociais, crime e delinquência (e.g., Bratko & Butkovic, 2003; Zuckerman, 2008; Zuckerman & Kuhlman, 2000; Whissell & Bigelow, 2003; Whishart et al., 2017), que têm como objetivo primordial a

procura de sensações com vista a uma estimulação intensa (Zuckerman, 1971, 1994). A PS surge associada a diversos traços de personalidade (e.g., Dahlen, Martin, Ragan, & Kuhlman, 2005; Zuckerman & Glicksohn, 2016) mas também a fatores como a idade e o género. Na sua maioria os estudos mostraram que são os adolescentes e os indivíduos do género masculino, aqueles que apresentam scores mais elevados no traço PS (e.g., Burri, 2017; Drane, Modecki, & Barber, 2017; Ulleberg, 2000). Ainda sobre as variáveis sociobiográficas, o estado civil é uma variável a considerar. Os indivíduos solteiros apresentam médias superiores no traço de personalidade procura de sensações, comparativamente aos indivíduos casados (e.g., Zuckerman, 1994). A nível de ocupação profissional, os indivíduos que apresentam um grau de elevado de PS vão sentir-se atraídos por profissões de risco (e.g., Polícia, Bombeiros, Emergência Médica), não monótonas que possibilitam experiências novas e oferecem sensações imensamente estimulantes (Zuckerman, 1994). A este propósito, vários estudos têm mostrado elevadas correlações entre a PS e de emoções fortes e determinadas profissões consideradas de risco, como os agentes de primeira resposta (Dorn & Brown, 2003; Gomà-i-Freixanet & Wismeijer, 2002; Girodo, 2007; Homant, Kennedy & Howton, 1994; Levenson, 1990), isto deverá ser explicado pelo facto de que os indivíduos que escolhem exercer profissões de risco são indivíduos que gostam de enfrentar desafios e que procuram adrenalina, novas experiências e mais atividade (em comparação a profissões de menor risco).

2.1.2. Assunção de Riscos

A assunção de riscos (AR) está associada aos traços de personalidade, como a procura de sensações, o agir por conta própria e o desejo de estimulação nos indivíduos, onde estes apresentam uma disposição geral para assumirem os riscos (Zuckerman, 2007). Entre as várias definições apresentadas na literatura (e.g., Quay, 1965; Hanoch, Johnson, & Wilke, 2006; Tull, 2014), a AR pode ser definida como a orientação/inclinação de um indivíduo, diante de um contexto estabelecido, em escolher alternativas que apresentem uma maior diversidade de resultados (March & Shapira, 1992; Green & Myerson, 2004). Portanto, os indivíduos que procuram sensações correm os riscos apenas pela sensação que isso lhes dá, por causa da emoção que lhes proporciona e não por outro tipo de razão (Zuckerman, 1994), expondo-se a lesões físicas e psicológicas e até à morte (Alberts, Elkind, & Ginsberg, 2006).

Para estes indivíduos só assumindo riscos é que é possível alcançar os resultados desejáveis (Turner, McClure, & Pirozzo, 2012) e apresentar um melhor desempenho (Brody,

Hatfield & Spalding, 2012). Razão pela qual observamos um elevado grau de AR nos atletas de sucesso (Galvan, 2007).

Para Rescher (1983), a AR é composta por três elementos: a) o primeiro é o aspeto voluntário, ou seja, a opção de escolher uma ação; b) o segundo diz respeito à negatividade do resultado e o terceiro elemento é a possibilidade de o indivíduo obter um resultado negativo, sem ter consciência do grau de risco em que incorre. Nesta abordagem, os estímulos ambientais desempenham um papel importante na compreensão da assunção de riscos, na medida em que a imprevisibilidade é uma característica ambiental. A imprevisibilidade é uma das características ambientais mais influentes na propensão ao risco associado ao controlo de comportamentos e pensamentos (Hill, Ross, & Low, 1997; Ross & Hill, 2002; Hill, Jenkins, & Farmer, 2008; Ellis, Figueredo, Brumbach, & Schlomer, 2009; Barratt, 1972). A impulsividade direciona os indivíduos a assumirem riscos porque não têm autocontrolo para se absterem de se envolver numa dada situação (Barratt, 1994). Desta forma, indivíduos que tenham elevados níveis de impulsividade terão reações repentinas e impensadas, e decisões precipitadas, por consequência disto, envolvem-se em situações de risco.

Vários estudos têm contribuído para mostrar a relação da AR com atitudes, comportamentos, decisões, relacionamento com os outros, resultados importantes na vida diária dos indivíduos e outros traços de personalidade (e.g., Galvan, Hare, Parra, Penn, Voss, & Glover, 2006; Zuckerman, 2008), tais como a extroversão, personalidade psicopática, procura de sensações, agressividade e hostilidade, etc. (e.g., Satchell, Bacon, Firth, Philip, & Corr, 2018). A AR surge relacionada igualmente com as variáveis biográficas género e idade. No caso do género, são os indivíduos do género masculino que apresentam maior grau de AR e maior frequência (e grau) de comportamentos de risco. Relativamente à idade, a relação é inversa, quanto mais idade menor grau de AS e menor incidência dos comportamentos de risco e consequentes *outcomes* (cf., Byrnes, Miller, & Schafer, 1999). A AR constitui-se como preditor de comportamentos aditivos (e.g., consumo de álcool, jogo, sexuais), de condução perigosa (e.g., velocidade), atividades físicas de recreio, comportamentos de segurança/de risco (e.g., DiClemente, Hansen, & Ponton, 1995) e consequentes *outcomes* relativos a acidentes rodoviários e de trabalho (e.g., Fahrenkrug & Rehm, 1994; Pek, Turner, Tucker, Kelloway, & Morrish, 2017; Perneger & Smith, 1991; Stevenson & Palamara, 2001) e problemas de saúde graves (e.g., (e.g., DiClemente, Hansen, & Ponton, 1995).

Em síntese, o comportamento de assunção de riscos constitui uma estratégia comportamental que resulta de fatores individuais como por exemplo a procura de sensações, impulsividade, extroversão (e.g., Satchell, et al., 2018), características biográficas, etc., em resposta aos estímulos ambientais (Daly & Wilson, 2001) e que explica comportamentos de risco e, consequentes outcomes (e.g., DiClemente, Hansen, & Ponton, 1995).

É possível que outras variáveis venham permitir explicar esta diferença/efeito, como por exemplo o otimismo.

2.1.3. Otimismo Disposicional

Quando o indivíduo, com base nos estímulos ambientais, tem que tomar uma decisão comportamental, além das variáveis de personalidade já referidas, outra variável que surge como afetando a decisão é o otimismo disposicional.

O otimismo disposicional (OD) é a propensão para encarar as coisas pelo seu lado positivo, esperando sempre por um desfecho favorável, mesmo em situações muito difíceis (Carver, Scheier, & Segerstrom, 2010; Scheier & Carver, 1992).

As pessoas com tendência a ter uma visão otimista são mais propensas a perdoar o passado, avaliar a situação atual de forma correta e a procurar oportunidades. São, portanto, indivíduos mais otimistas no confronto a um acontecimento mais stressante e são mais positivos a encontrar formas para superar obstáculos (Rego, 2012). Dito de outra forma, são indivíduos com maior confiança e maior resiliência tendo em conta os desafios de vida, mesmo quando o desenvolvimento de curso de vida apresente mais dificuldades ou seja mais lento (Sweeny, Carroll, & Shepperd, 2006; Carver & Scheier, 1998; Scheier & Carver, 1992; Carver & Scheier, 2002, Weinstein, 1980). Razão pela qual, os estudos têm mostrado o OD como resultado de respostas socialmente desejadas, encontrando relações entre o otimismo e medidas centradas nos desejos sociais e itens positivistas (Rauch, Schweizer, & Moosbrugger, 2007; Vautier, Raufaste, & Cariou, 2003). Outras pesquisas têm mostrado a importância do traço do otimismo na educação (Krypel & Henderson-King, 2010), na obtenção de melhores resultados a nível profissional (Kluemper, Little, & Degroot, 2009) e na saúde física (Rasmussen, Scheier, & Greenhouse, 2009) e mental (Chang & Farrehi, 2001), entre outros.

Os indivíduos otimistas são otimistas em situações específicas e às capacidades/habilidades que possuem para orientar uma situação, sendo considerados menos ansiosos (Weinstein, 1980), o que lhes permite analisar e encontrar formas para superar

obstáculos (Rego, Sousa, Marques, & Cunha, 2012). Com base em análises abrangentes e julgamentos objetivos tomarão decisões atendendo a critérios de segurança (Luthans, Youssef, & Avolio, 2007; Wang, Wang, & Xia, 2018). São indivíduos que aceitam instruções e críticas, aprendem rapidamente a adaptar-se e capazes de improvisar em ambientes instáveis e incertos (e.g., Rego et al., 2012). Assim, não é de estranhar que o otimismo faça parte das dimensões do capital psicológico (Luthans, Luthans, & Luthans, 2004) e esteja associado positivamente aos comportamentos de segurança (Wang, et al., 2018).

Apesar de algumas evidências empíricas, a relação positiva do otimismo com os comportamentos de segurança no trabalho permanece limitada. Esta limitação torna-se mais evidente quando nos referimos ao grau de otimismo e a este poder constituir-se como uma variável negativamente associada ao desempenho relativo à segurança (NSW, 2001). Os indivíduos que apresentam valores mais elevados do traço de otimismo diminuem o estado de alerta, estão menos preocupados quando participam em acontecimentos em que o perigo está e, em consequência, preocupam-se menos com as regras e regulamentos de segurança no trabalho (Caponecchia, 2010). São indivíduos com uma maior percepção de controlo sobre o ambiente (por vezes, irrealista) como resultado de uma sobrevalorização da sua perícia e habilidade percebida para enfrentar as exigências ambientais. Razão pela qual o otimismo pode ser caracterizado como um constructo cognitivo, mas com conotações emocionais e motivacionais (Carver & Scheier, 2014) e associado a outros traços de personalidade como os Big Five, assunção de risco, procura de sensações (e.g., Coelho, Vilar, Hanel, Monteiro, Ribeiro, & Gouveia, 2018) e percepção de risco.

2.2. Percepção de Risco

Aven e Renn (2009) definem risco como o grau de incerteza e gravidade das consequências (ou resultados) de acidente/incidente relativa a uma atividade valorizada pelos indivíduos, sendo a percepção de risco o julgamento subjetivo do risco. O risco percebido consiste em três fatores; cognitivo (probabilidade), emocional (preocupação) e consequências (Sjöberg, 1999; Rundmo e Moen, 2006). Esta é uma característica individual de cariz cognitivo (Bouyer, 2001) diretamente relacionada com a percepção e análise dos estímulos ambientais responsáveis pela avaliação da situação como sendo de risco, determinando o comportamento de segurança *vs.* de risco (e.g., Fyhri & Backer- Grøndahl, 2012). Como a percepção de risco é subjetiva, dependendo de um conjunto de preocupações, valores ou conhecimentos (ISSO,

2008), em diferentes momentos de avaliação do risco, é possível que os trabalhadores adotem formas diferentes de avaliar o risco. Uma dessas formas, denominada percepção de risco racional, é deliberativa, analítica e racional (Epstein, 1994), em que os trabalhadores entendem o risco através de cálculos deliberados de criticidade de risco, que inclui a *(a) a probabilidade de ocorrência de risco, (b) a gravidade do impacto de risco e (c) a utilidade esperada de risco*, ou seja, fazendo a multiplicação da probabilidade e gravidade do risco (Aven & Renn, 2009; Lehtiranta, 2014; Micic, 2016). Contudo, este tipo de percepção de risco pode-se tornar problemática, podendo ser irracional e tornar-se influenciável por diversos fatores como variáveis pessoais (Gyekye, 2006; Iversen & Rundmo, 2002), julgamento intuitivo e emocional dos decisores (Slovic, 2004), características do risco (Slovic, 1979) e antecedentes socioeconômicos e culturais (Douglas & Wildavsky, 1983).

De acordo com Targoutzidis e Antonopoulou (2009), o local de trabalho abrange interações constantes de atos, materiais humanos e procedimentos. Neste sentido, diferentes pontos de vista das ciências sociais e engenharia podem ser úteis para tentar compreender os comportamentos, atitudes e percepções dos trabalhadores. Os riscos que estão englobados são próprios de um mundo que está em constante mudança e são compostos por dois aspectos de análise: a avaliação de risco por um lado, ao qual as ciências naturais irão incidir e que utilizam modelos e instrumentos de definição de riscos objetivos. Por outro lado, a percepção de risco estudada e desenvolvida pelas ciências humanas (Guivant, 1998; Lima, 1998; Slovic, 1987; Slovic, Fischhoff, & Lichtenstein, 1982).

A percepção de risco embora seja uma variável cognitiva individual pode ser coletiva, sendo afetada pelo contexto cultural, isto é modifica-se conforme o tipo de ambiente político, econômico, cultural, social, simbólico em que cada indivíduo ou grupo está inserido (Rippl, 2002). Dito de outra forma, as crenças, hábitos, normas, representações sociais, valores (Slovic, 2000; Peretti-Watel, 2001, & WHO 2002) são variáveis que intervêm na formulação do risco. As percepções de segurança, são influenciadas por fatores imitadores, significância atribuída à segurança face à produtividade e ritmo de trabalho (Neal & Griffin, 2004). Neste sentido, a cultura e clima organizacional de segurança desempenham um papel fundamental na percepção de risco e na promoção de comportamentos de segurança. Em termos individuais, a literatura apresenta um largo conjunto de variáveis tais como as atitudes sobre segurança e prevenção dos acidentes de trabalho (Beus, 2015; Henning, 2009; Hogan & Foster, 2013), personalidade (assunção de riscos, otimismo, excesso de confiança, auto-eficácia, etc.) (e.g., Puchades, et al., 2018), as condições psíquicas (e.g., estado de humor) e físicas (e.g., doença, competência), competências e habilidades ou a ingestão de drogas e bebidas alcoólicas que

afetam os sentidos, intervêm na forma como é avaliado em cada momento o risco e o conseqüente comportamento de segurança. As percepções e comportamentos de risco podem ainda ser agravados pelas características do ambiente ocupacional físico (ruído, a qualidade do ar, a iluminação, etc.), social (*mobbing*, suporte social, etc.) ou funcional (trabalho noturno, monótono, cadenciado, etc.) (e.g., Areosa, 2012).

Apesar dos muitos contributos empíricos e teóricos sobre esta temática, ainda não é claro as principais formas como os trabalhadores percebem as diferentes percepções de risco e o modo como estas influenciam o próprio comportamento de segurança. É fundamental compreender como o risco é percebido pois qualquer intervenção em comportamentos arriscados e perigosos só é eficaz se estiver assente na compreensão clara de como os indivíduos pensam e entendem o risco (Weber, 2002).

Considera-se que quanto mais baixo forem os níveis de percepção de risco dos indivíduos, maior serão as hipóteses de estes sofrerem um acidente e lesões em contexto laboral (Cordeiro, 2002), e caso estes sofram um acidente, maior será a percepção do perigo e risco face a um acidente. Por outro lado, a percepção que os indivíduos/trabalhadores têm sobre os riscos dificulta o reconhecimento das causas, das conseqüências e das técnicas a usar para fazer frente ao risco (Haines, 2004). Comportamentos inseguros podem ser motivados por fatores externos que implicam no grau de risco percebido (Fung, 2012; Wang, 2016). Assim sendo, o nível de risco que um indivíduo assume deve ser classificado dependendo do seu envolvimento ou não envolvimento perante um comportamento específico.

A ligação entre risco e percepção de risco indica que se um indivíduo considera um evento muito arriscado, de elevada probabilidade e preocupação, irá desenvolver um comportamento de segurança (e.g., Arezes & Miguel, 2008; Ji, 2011; Kouabenan, 2015; Lu & Yan, 2013; Wang & Yuan, 2011). Como por exemplo a utilização de equipamentos de proteção (Arezes & Miguel, 2008) e procedimentos de segurança (Johnston, 2014 & Kouabenan, 2015). Os indivíduos ao tomarem assim a decisão de se interligarem a um comportamento protetor estão a dar significado à sua propensão relativamente ao perigo, à sua compreensão face a barreiras e eficácia percebidas do comportamento e gravidade que estes percebem do risco (Rosenstock, 1974).

Neste sentido, os indivíduos que exercem profissões de risco, têm formação constante a nível da segurança, tendo desta forma uma percepção de risco superior aqueles que exercem profissões de não risco e conseqüentemente executam mais comportamentos de segurança.

2.3. Comportamentos de Segurança

Quando o assunto diz respeito aos riscos, a sociedade mostra-se preocupada, isto devido à globalização, à constante modernização, em que a mudança e adaptação ocorrem todos os dias e em que os progressos tecnológicos e científicos se vão atualizando, albergando riscos de todos os tipos. Os riscos estão presentes nos debates da sociedade atual, por estar associado às organizações, às sociedades e à existência dos indivíduos (Sjoberg & Drotz-Sjoberg, 1994) e deste modo torna-se importante exercer comportamentos de segurança.

De acordo com Griffin e Neal (2000), os comportamentos de segurança são classificados em duas categorias principais: segurança física e segurança psicossocial, e podem ser de dois tipos: conformidade com a segurança e participação na segurança (Griffin & Neal, 2000; Neal & Griffin, 2006).

A conformidade com a segurança diz respeito ao cumprimento das normas, procedimentos e regulamentos de segurança (física e psicossocial) definidos pela organização ou pelos organismos profissionais que regulamentam a atividade profissional. Os comportamentos de participação são relativos a todos os comportamentos que promovem a segurança e comportamentos de segurança, seus e dos outros, contribuindo para o desenvolvimento de um ambiente que apoie a segurança (Cree & Kelloway, 1997; Griffin & Neal, 2000; Mullen, 2005), no contexto de trabalho de forma a evitar ou mitigar os riscos.

O comportamento de segurança define-se como a capacidade que este possui para fazer a identificação e controlo dos riscos na atividade laboral que está a executar, reduzindo assim a probabilidade de consequências que são indesejáveis, tanto para o indivíduo como para os seus colegas (Bley, 2004). Para essa identificação, os comportamentos de segurança ocupacional necessitam do clima de segurança. Dito de outra forma, é necessário que os colaboradores partilhem da perceção do valor, atenção e promoção que a organização dá às práticas e procedimentos de segurança no interior da organização e do seu grupo de trabalho (Griffin & Neal, 2000; Zohar, 2011; Zohar & Luria, 2005). A este propósito Mearns e Yule (2009) alegam que quanto mais os gestores se preocupam com o bem-estar dos funcionários e se envolvem em ações relacionadas com a segurança, menos infracções e menos riscos os indivíduos tendem a correr.

Para uma perceção de cultura de segurança a organização deve estar atenta não apenas ao cumprimento das normas de segurança, mas também a outros factores de risco responsáveis pelos incidentes e acidentes: cansaço, ignorância relativa aos riscos, desatenção,

risco percebido desajustado, crenças sobre regras e comportamentos de segurança, crenças sobre vulnerabilidade ao risco comparativo com os outros (Lima, 2005; Slovic, 1987), consumo sob efeito de substâncias alternativas que leva a comportamentos contraditórios e a erros (Macintyre, 1997), etc.

Em suma, analisar o comportamento do indivíduo é importante, pois se existir um estímulo (sinal) que antevêja uma situação negativa/desagradável, o indivíduo ao dar-se conta do sinal, pode tomar a atitude certa, agir e evitar a situação (Skinner, 1967).

3. ESTUDO EMPÍRICO

3.1. Delimitação do problema

Nos últimos anos, a preocupação pelas variáveis preditoras dos comportamentos de risco e de segurança tem-se centrado nas variáveis de personalidade e cognitivas. Diversos traços, tais como procura de sensações (PS), assunção de risco (AR) e otimismo disposicional (OD) e a perceção de risco (PR) são das mais referidas (e.g., Satchell, et al., 2018).

Por outro lado, algumas variáveis, tais como a PS e AR surgem como variáveis preditoras das ocupações profissionais. A título de exemplo, Musolino e Hershenson (1977), compararam cem controladores de tráfego aéreo (profissão de alto risco) com 78 funcionários do serviço civil e estudantes universitários (profissão de baixo risco). O grupo de alto risco teve pontuação significativamente maior do que o grupo de baixo risco em todas as cinco dimensões da PS, indicando uma maior necessidade de estimulação de sensação. Esses achados apoiam a proposição de que a tomada de risco como estilo de resposta está relacionada à participação em grupos ocupacionais.

Certas profissões, tais como Bombeiros, INEM, Militares e profissionais de segurança são profissões de risco com elevadas exigências em termos de comportamentos de segurança e apesar das várias horas de formação, treino e protocolos de atuação que estes profissionais recebem, continua a registar-se um elevado número de acidentes. Queremos assim comparar se estes profissionais apresentam valores diferentes dos comportamentos de risco com as variáveis preditoras. Assim foi nosso objetivo comparar as profissões de risco e analisar o papel das variáveis de personalidade e de perceção de risco como preditores dos comportamentos de segurança. Para a operacionalização da variável ocupação profissional, alto risco vs. baixo risco recorreremos da classificação definida pelo Connecticut Department of Labor coincidente com a tipologia de Zuckerman (1994).

Apesar do estado da arte permitir construir um modelo de correlações e avaliar o valor da predição das variáveis nos comportamentos de segurança, consideramos que o pouco estudo com estes profissionais e Portugueses carece de um estudo exploratório e comparativo. Assim, a Figura 3.1, representa a síntese dos nossos objetivos em termos das relações que procuramos averiguar, considerando igualmente a comparação entre profissionais de risco vs. baixo risco.

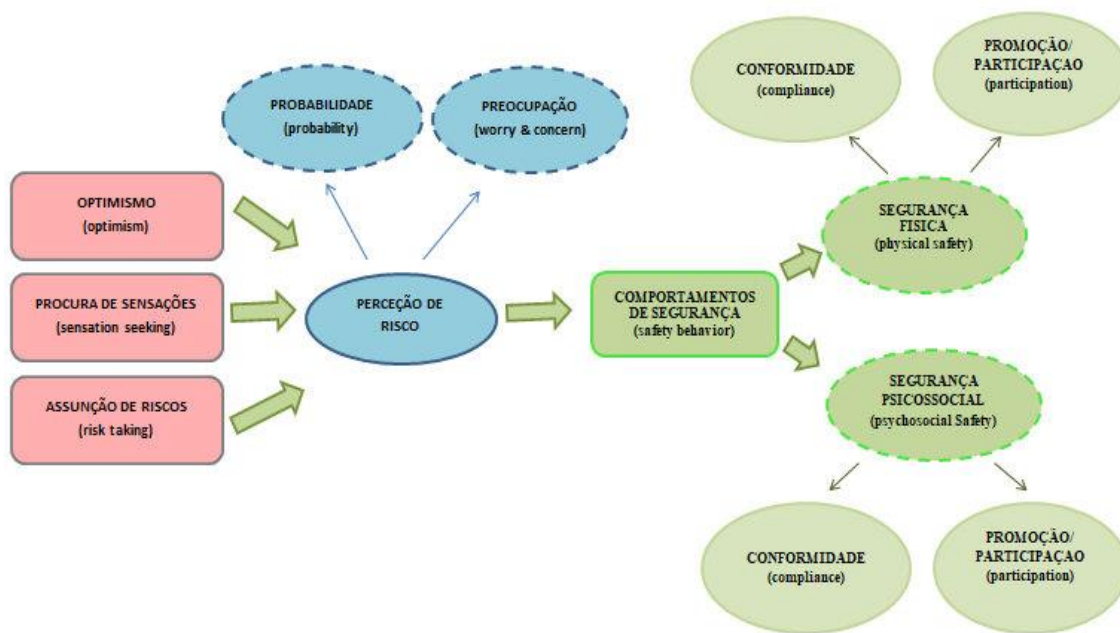


Figura 3.1: Modelo de análise de relação entre as variáveis em estudo

3.2. Método

3.2.1. Participantes:

Para a seleção da amostra, utilizou-se uma técnica de amostragem por conveniência, tendo sido abordada a parte da população disponível do conjunto total. Assim, participaram voluntariamente no estudo 238 indivíduos de ambos os géneros, dos quais 37,0% são do género feminino e 62,6% são do género masculino, e um participante não indicou género, e têm na sua totalidade o português como língua materna (92,0%). As idades dos participantes variam entre os 17 e os 63 anos ($M = 36,15$ e $SD = 11,370$).

Em relação à variável naturalidade, verifica-se que existe um maior número de participantes na região do Alentejo e Algarve (63,4%) seguindo-se pela zona de Beiras, Estremadura e Alentejo (7,6%) e Área Metropolitana de Lisboa (6,3%). A zona que tem menos representatividade é a região das Ilhas (2,5%) e a Área Metropolitana do Porto (2,9%).

Face às habilitações literárias a maioria possui o ensino secundário (44,5%), seguindo-se pelo ensino superior (37,8%) e a minoria o ensino básico (14,3%). No que diz respeito à situação profissional a maioria dos participantes é trabalhador por conta de outrem (83,6%) e o tempo de desempenho na função varia entre 1 e 38 anos ($M = 9,61$ e $SD = 8,987$). Verificou-se ainda que a maioria dos inquiridos não desempenha funções de chefia (80,7%), que 53,4% não apresentam carta de condução defensiva (Modelo 1-IMTT), enquanto 39,9% são portadores desta.

No que diz respeito às profissões, estas vão ser divididas pelas duas categorias, em que 48,7% são profissões de risco e 51,3% são de profissões de não risco.

Como profissões de risco são classificadas as opções de: Bombeiros, Assistentes Técnicos/Assistentes Operacionais, Emergência médica (Enfermeiros, Médicos, Técnicos de Socorro e Emergência Aeródromo, Socorrista/Transporte de Emergência (TEPHconductor), Agentes, Agentes Principais, Patrulheiros e Militares, sendo que a percentagem maior nas profissões de risco é na profissão de bombeiro (20,9%), seguindo-se pela profissão de Emergência Médica (15,1%).

Como profissões de não risco são classificadas as opções de: Grupo de Administrativos, Secretariado e Escriturários, Grupo dos técnicos superiores e bolseiros, Rececionistas e Balconistas, Profissionais de gestão de Projetos, Informáticos, Empregados

Bancários, Barmaids, Comerciais, Caixeiros, Operadores Comerciais, Supervisores de loja, Esteticistas, Eletricista, Gestores/Gerentes, Empregados de Mesa e de limpeza, Chef's e ajudantes de cozinha. A percentagem maior nas profissões de não risco verifica-se no grupo de administrativos, secretariado e escriturários (8,8%), seguindo-se pelo grupo dos técnicos superiores e comerciais, caixeiros, operadores comerciais (3,8%) e recepcionistas e balconistas (2,5%).

Tabela 3.1

Outras características sociodemográficas e profissionais da amostra (N=238)

	Participantes	N	%
Estado Civil	Solteiro	107	45,0
	Casado/união de fato	102	42,9
	Divorciado/viúvo	23	9,7
	Omisso	6	2,5
Multas	0 multas	201	84,5
	1 a 3 multas	24	10
	4 a 5 multas	3	1,2
	Omisso	10	4,2
Acidentes de trabalho lesões	0 lesões	177	74,4
	1 a 4 lesões	42	17,6
	5 a 10 lesões	4	1,6
	Omisso	15	6,3

3.2.2. Procedimento:

3.2.2.1. Recolha de Dados:

Os questionários foram aplicados entre outubro e dezembro de 2017, nos locais de trabalho dos participantes. A forma de aplicação foi individual e direta em suporte papel. Em média os participantes demoravam 15 minutos a responder. Foi garantido a liberdade de participação, o anonimato e a confidencialidade dos dados. O objetivo do estudo foi camuflado de forma a não influenciar as respostas, mas no final do preenchimento era dada toda a informação a todos os participantes.

No final do questionário e após o preenchimento, agradeceu-se a participação de todos os envolvidos. Os dados recolhidos foram posteriormente organizados e analisados face aos objetivos da investigação.

3.2.2.2. Análise dos Dados:

Após a recolha, os dados obtidos foram introduzidos e analisados com recurso ao programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 24.

Depois de se fazer a verificação dos valores de consistência interna das escalas e respetivas dimensões, foram realizadas análises estatísticas descritivas. De acordo com o nosso objetivo foram realizadas análises estatísticas descritivas e inferenciais (comparação de médias e correlações). Os resultados foram avaliados com base na significância a 0.05.

3.2.3. Instrumentos:

O questionário *self-report* inclui um conjunto de itens sociodemográficos para caracterizar a amostra tais como o estado civil, área de formação, situação profissional e habilitações literárias. Para além dos itens sociodemográficos é composto por 6 instrumentos relativos à operacionalização das variáveis. Todas as variáveis (com exceção das variáveis biográficas) são operacionalizadas através de escalas tipo *Likert* de 5 e 7 valores, conforme instrumentos originais e suas adaptações.

Procura de Sensações (*Brief Sensation Seeking Scale*, Hoyle, Stephenson, Palmgreen, Puzzles, & Donohew, 2002).

Foi utilizado a versão validada para a população Portuguesa de (Sousa, Gonçalves, Sousa, & Pinto, 2018, submitted). Esta escala é composta por 8 itens estruturados em 4 dimensões: 1) procura de experiências (itens 1 e 5, e.g., item1 “Eu gostaria de explorar lugares estranhos”); 2) susceptibilidade ao tédio (itens 2 e 6, e.g., item 2 “Fico irrequieto quando passo demasiado tempo em casa”); 3) procura de emoções e aventura (itens 3 e 7, e.g., item 3 “Gosto de fazer coisas assustadoras”); 4) desinibição (itens 4 e 8, e.g., item 6 “Prefiro ter amigos que são excitantes e imprevisíveis”). Esta escala é tipo *Likert* de 5 valores, em que as respostas são dadas entre 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente). Foi realizada a análise de consistência interna da variável procura de sensações (8 itens) e das quatro dimensões. Os valores de consistência interna observados são similares aos observados na versão original de 0.88 (Hoyle, et al., 2002) e na versão para a população Portuguesa entre 0.78 e 0.83 (Sousa et al., 2018, submitted).

Otimismo Disposicional: (*Optimism*, Scheier, Carver, & Bridges, 1994).

Foi necessário adaptar esta escala para a população Portuguesa. Para a adaptação foi realizada um processo de tradução e retradução posterior (Hambleton, 2005). Primeiro, a escala foi traduzida do inglês para o português por dois especialistas bilíngues trabalhando de forma independente. Em segundo lugar, ambas as versões foram traduzidas para inglês por outros dois especialistas bilíngues, também trabalhando de forma independente. As traduções foram comparadas ao original e ajustadas por três especialistas nesta área. Para testar a tradução e corrigir possíveis problemas semânticos, 20 participantes foram convidados a responder a versão em português (pré-teste). Estes participantes não foram incluídos na amostra do presente estudo.

Este instrumento é constituído por 10 itens sendo que apenas 3 são relativos ao otimismo disposicional: item 1 “Em tempos de incerteza, normalmente espero que aconteça o melhor”; item 4 “Estou sempre otimista em relação ao meu futuro”; item 10 “De forma geral, espero que me aconteçam mais coisas boas do que más”. Os outros itens medem o pessimismo e de despiste e, portanto, foram incluídos na adaptação, mas retirados da análise de dados. Os itens estão operacionalizados na forma de *Likert* de 5 valores, cotados numa escala crescente de 1 (Discordo Totalmente) a 5 (Concordo Totalmente). O valor observado para os 3 itens é de $\alpha = .642$.

Assunção de Riscos: (*Risk Assumption*, LeRoy, 2005)

O terceiro instrumento denomina-se por assunção de riscos. A equivalência da versão original e adaptada do questionário foi suportada através de um processo de tradução e retradução posterior (Hambleton, 2005). Primeiro, a escala foi traduzida do inglês para o português por dois especialistas bilíngues trabalhando de forma independente. Em segundo lugar, ambas as versões foram traduzidas para inglês por outros dois especialistas bilíngues, também trabalhando de forma independente. As traduções foram comparadas ao original e ajustadas por três especialistas nesta área. Para testar a tradução e corrigir possíveis problemas semânticos, 20 participantes foram convidados a responder a versão em português (pré-teste), não incluídos na amostra final.

Trata-se de uma medida unidimensional, baseada numa escala tipo *Likert* de 7 valores, composta por 12 itens cotados numa escala crescente de 1 (Discordo Totalmente) a 7 (Concordo Totalmente), e.g., item 1 “Sempre me interessei por atividades perigosas e arriscadas”, e.g., item 5 “Gosto de correr riscos quando estou a trabalhar”, e.g., item 10 “Faço sempre as coisas espontaneamente sem pensar nelas primeiro”. O valor observado é de $\alpha = .872$.

Perceção de Riscos: (*Risk Perception*, Moen, 2007)

O quarto instrumento é a escala de perceção de risco: preocupação e receio, que avalia a preocupação e o medo da ocorrência de acidentes e imprevistos graves. Foi necessário adaptar esta escala para a população Portuguesa que seguiu as regras de Hambleton (2005), realizando-se um processo de tradução e retradução posterior. Primeiro, a escala foi traduzida do inglês para o português por dois especialistas bilíngues trabalhando de forma independente. Em segundo lugar, ambas as versões foram traduzidas para inglês por outros dois especialistas bilíngues, também trabalhando de forma independente. As traduções foram comparadas ao original e ajustadas por três especialistas nesta área. Para testar a tradução e corrigir possíveis problemas semânticos, 20 participantes foram convidados a responder a versão em português (pré-teste). Estes participantes não foram incluídos na amostra do estudo.

É uma escala unidimensional composta por 5 itens (e.g., item3: “Fico preocupado(a), quando há muitos acidentes de trabalho”), operacionalizados em forma de *Likert*, que variam de 1 (nada) a 7 (muito). Uma pontuação mínima corresponde a menos medo, preocupação ou probabilidade de ter acidentes. A escala apresentou boa confiabilidade ($\alpha = 0,84$), similar aos valores observados no estudo de Moen (2007).

Comportamentos de Segurança Física: (*Physical Security Behaviors*, Bronkhorst, 2015)

O quinto instrumento refere-se à versão adaptada por Sousa, Sousa, Gonçalves e Pinto (*in proceeding*) da escala de comportamento de segurança física, desenvolvido por Bronkhorst (2015) e com base no trabalho de Neal & Griffin (2006). A escala bidimensional é composta por 6 itens tipo *Likert* e que variam entre 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo

totalmente). Esta escala avalia o comportamento dos funcionários em termos de segurança física e inclui as dimensões conformidade e participação em relação à segurança física. A primeira dimensão diz respeito ao cumprimento das normas e procedimentos de segurança física (e.g., item 1: “Eu cumpro todas as normas de segurança e uso todos os equipamentos de segurança necessários para minimizar o desgaste físico no meu trabalho”). A segunda dimensão diz respeito aos comportamentos de promoção da segurança física no local de trabalho (e.g., item 4: “Eu promovo o programa de segurança física na minha instituição”). Os valores de consistência interna observados (conformidade: 0.91 e participação: 0.87) replicam a qualidade da escala (nesta característica métrica) como observado na versão original (0.84 e 0.79, respetivamente, Bronkhorst, 2015).

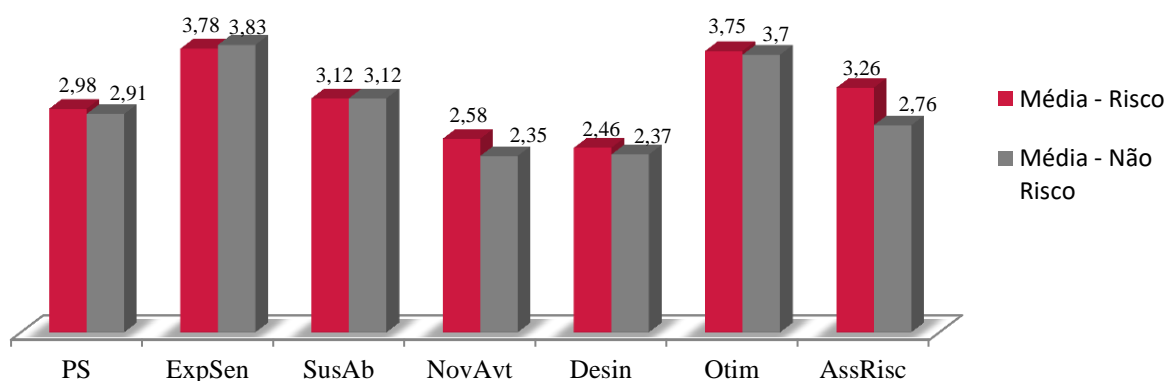
Comportamentos de Segurança Psicossocial: (*Psychosocial Security Behaviors*, Bronkhorst, 2015)

O sexto instrumento refere-se à escala de comportamento de segurança psicossocial, desenvolvido por Bronkhorst (2015) e com base no trabalho de Neal & Griffin (2006). Para o presente estudo foi utilizada a versão de Sousa, et al (*in proceeding*). É uma escala de 6 itens, operacionalizados em forma tipo *Likert* variando de 1 (Discordo Totalmente) a 5 (Concordo Totalmente). É estruturada por dois fatores: conformidade, relativa ao cumprimento das normas e procedimentos de segurança psicológica (e.g., item 7 “Eu tomo medidas para prevenir ou minimizar as tensões psicológicas no meu trabalho”) e participação, relativa aos comportamentos de promoção da segurança psicológica no local de trabalho (e.g., item 10 “Eu promovo o programa de segurança psicológica na minha instituição”). Foi utilizada a versão adaptada por Sousa, et al., (*in proceeding*) para a população Portuguesa. Os valores de consistência interna observados (conformidade: 0.886 e participação: 0.913) replicam a qualidade da escala (nesta característica métrica) como observado na versão original (0.70 e 0.75, respetivamente, Bronkhorst, 2015).

3.3. Apresentação e Análise dos Resultados

Serão apresentados os valores descritivos, valores de correlação entre variáveis e diferenças de médias em função das profissões de risco vs. não risco.

3.3.1. Variáveis de personalidade



Nota: PS = Procura de Sensações; ExpSen = Experiência de Sensações; SusAb = Suscetibilidade ao Aborrecimento; NovAvt = Novidade e Aventura; Desin = Desinibição; Otim = Otimismo; AssRisc = Assunção de Riscos

Figura 3.2: Valores descritivos (M e SD) dos atributos de personalidade em função da variável profissão risco

Na figura 3.2 observam-se os valores correspondentes às variáveis da personalidade. A variável de personalidade (entre procura de sensações, otimismo e assunção de risco) que apresenta um valor superior é a variável do otimismo ($M=3.75$). Das variáveis que incluem a procura de sensações, a variável que apresenta a média mais elevada é a variável experiência de sensações ($M = 3.80$ e 3.83). Com exceção da variável experiência de sensações e da variável da suscetibilidade ao aborrecimento, todas as outras variáveis apresentam uma média superior na profissão de risco, sendo que a única significativa é a variável da assunção de riscos ($t_{(236)} = 3.386$, $p = .001$).

Tabela 3.2

Análise descritiva das variáveis de personalidade nas profissões de risco e não risco

		Procura de Sensações					Otim	AssRisc
		ProS	ExpSen	SusAb	NovAvt	Desin		
Risco	M	2,98	3,78	3,12	2,58	2,46	3,75	3,26
	(SD)	(0,98)	(1,07)	(0,99)	(1,21)	(1,26)	(0,65)	(1,19)
Não Risco	M	2,91	3,83	3,12	2,35	2,37	3,70	2,76
	(SD)	(0,90)	(1,02)	(1,09)	(1,17)	(0,19)	(0,83)	(1,09)
Total	M	2,95	3,80	3,12	2,46	2,41	3,72	3,00
	(SD)	(0,94)	(1,04)	(1,04)	(1,20)	(1,22)	(0,75)	(1,17)

Nota: PS = Procura de Sensações; ExpSen = Experiência de Sensações; SusAb = Suscetibilidade ao Aborrecimento; NovAv = Novidade e Aventura; Desin = Desinibição; Otim = Otimismo; AssRisc = Assunção de Riscos

Conforme descrito na tabela 3.2, são observados os valores descritivos (média e desvio padrão) para cada variável de personalidade e os valores totais correspondentes. Sendo que nos valores totais, a maior média é verificável na variável da experiência de sensações (M=3.80) e na variável do otimismo (M=3.72) e a menor média observa-se na variável da desinibição (M=2.41) e na variável da novidade e aventura (M=2.46).

3.3.2. Variável da percepção de risco

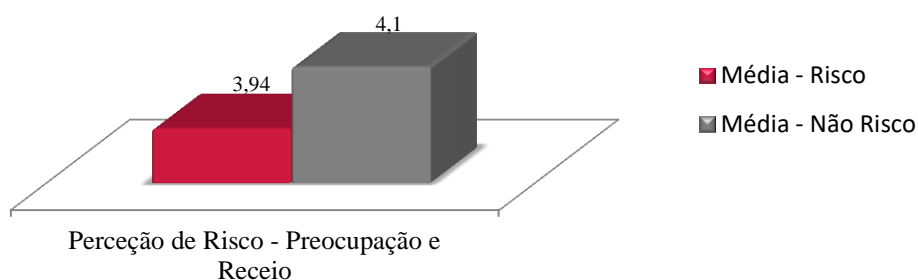


Figura 3.3: Valores descritivos (M e SD) do traço de percepção de risco em função da variável profissão risco.

Como se pode observar pela figura 3.3, a variável da percepção de risco – preocupação e receio, apresenta uma média superior (M=4.10) nas profissões de não risco face às profissões de risco (M=3.94). Esta variável não é significativa ($t_{(236)} = -.900, p = .369$).

Tabela 3.3

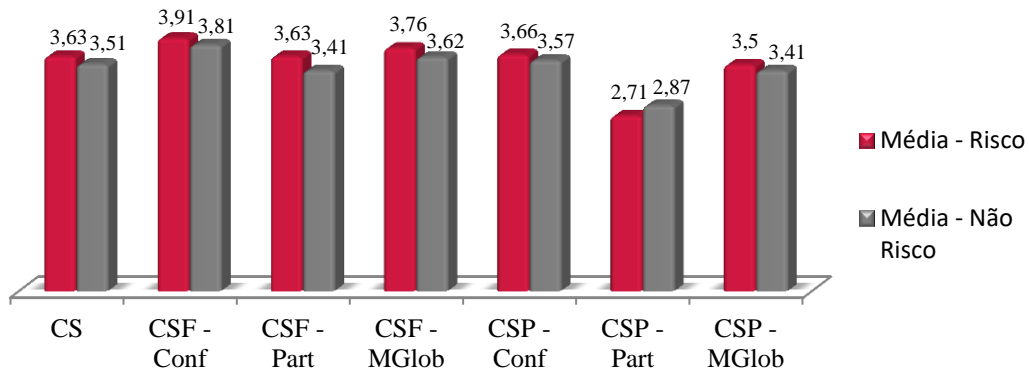
Análise descritiva da variável percepção de risco - preocupação e receio nas profissões de risco e não risco

Percepção de Risco - Preocupação e Receio

Risco	M = 3,93 SD = 1,31
Não Risco	M = 4,10 SD = 1,52
Total	M = 4,02 SD = 1,42

Verifica-se pela tabela 3.3, os valores descritivos (média e desvio padrão) e o valor total em relação à variável da percepção de risco. Como foi dito anteriormente, a variável da percepção de risco - preocupação e receio, apresenta uma média superior nas profissões de não risco. Em relação ao total, a variável apresenta uma média de 4.02.

3.3.3. Variáveis dos comportamentos de segurança física e psicossocial



Nota: CS = Comportamentos de Segurança; CSF Conf = Comportamentos de Segurança Física Conformidade; CSF Part = Comportamentos de Segurança Física Participação; CSF MGlob = Comportamento de Segurança Física Global; CSP Conf= Comportamentos de Segurança Psicológica Conformidade, CSP Part = Comportamentos de Segurança Psicológica Participação; CSP MGlob= Comportamentos de Segurança Psicológica Global

Figura 3.4: Valores descritivos (M e SD) das variáveis dos comportamentos de segurança física e psicossocial em função da variável profissão risco

Como se pode observar pela figura 3.4, verifica-se que a maior média é na variável do comportamento de segurança física - conformidade (M=3.91 e 3.81). Há exceção da variável do comportamento de segurança psicológica - participação, todas as variáveis apresentam uma média superior na profissão de risco. Nenhuma das variáveis é significativa.

Tabela 3.4

Análise descritiva das variáveis do comportamento de segurança física e psicossocial nas profissões de risco e não risco (Médias e Desvio Padrão)

		CS	CSF Conf	CSF Part	CSF MGlob	CSP Conf	CSP Part	CSP MGlob
Risco	M	3,63	3,91	3,63	3,76	3,66	2,71	3,50
	(SD)	(0,70)	(0,73)	(1,14)	(0,74)	(0,83)	(1,09)	(0,81)
Não Risco	M	3,51	3,81	3,41	3,62	3,57	2,87	3,41
	(SD)	(0,79)	(0,83)	(1,00)	(0,83)	(0,84)	(0,98)	(0,86)
Total	M	3,57	3,86	3,52	3,69	3,62	2,79	3,45
	(SD)	(0,75)	(0,78)	(1,08)	(0,79)	(0,84)	(1,04)	(0,83)

Nota: CS = Comportamentos de Segurança; CSF Conf = Comportamentos de Segurança Física Conformidade; CSF Part = Comportamentos de Segurança Física Participação; CSF MGlob = Comportamento de Segurança Física Global; CSP Conf= Comportamentos de Segurança Psicológica Conformidade, CSP Part = Comportamentos de Segurança Psicológica Participação; CSP MGlob= Comportamentos de Segurança Psicológica Global

Na Tabela 3.4 estão presentes os valores descritivos (média e desvio padrão) das variáveis dos comportamentos de segurança física e psicossocial com as suas variáveis: conformidade e participação, e o valor total destas. Em relação ao total das variáveis, comportamentos de segurança física e comportamentos de segurança psicossocial, a que apresenta uma maior média é a variável dos comportamentos de segurança física (M=3.69). Face às suas dimensões, a maior média observa-se na variável do comportamento de segurança física - conformidade (M=3.86) e na variável do comportamento de segurança psicológica - conformidade (M=3.62) e a menor média é verificável na variável do comportamento de segurança psicológica - participação (M=2.79).

Tabela 3.5

Comparação das médias nas escalas e dimensões para os dois tipos de profissões

	Risco			Não risco			Teste t-de-Student	
	Média	Mediana	SD	Média	Mediana	SD	t	p
Média do CS	3,64	3,58	0,71	3,50	3,42	0,80	1,393	0,165
Média do CSF Conf	3,91	4,00	0,73	3,78	4,00	0,83	1,260	0,209
Média do CSF Part	3,64	3,67	1,14	3,40	3,67	1,02	1,673	0,096
Média do CSP Conf	3,67	4,00	0,83	3,55	3,33	0,85	1,058	0,291
Média do CSP Part	2,73	2,67	1,09	2,86	3,00	1,00	-1,000	0,318
Mglob CSF	3,77	3,83	0,74	3,60	3,67	0,84	1,617	0,107
Mglob CSP	3,51	3,50	0,82	3,39	3,33	0,86	1,019	0,309
Média da PercRisco - Preoc e Receio	3,93	4,00	1,32	4,10	4,20	1,54	-0,752	0,453
Média da AssRisc	3,26	3,00	1,20	2,77	2,42	1,10	3,213	0,001
Média da PS	2,99	2,88	0,98	2,93	2,75	0,90	0,473	0,636
Média PS - ExpSen	3,78	4,00	1,07	3,85	4,00	1,00	-0,543	0,588
Média PS - SusAb	3,11	3,00	0,99	3,14	3,00	1,10	-0,197	0,844
Média PS - NovAv	2,59	2,25	1,21	2,36	2,50	1,19	1,479	0,141
Média PS - Desin	2,48	2,00	1,25	2,38	2,00	1,22	0,602	0,548
Média Otim	3,74	3,67	0,64	3,73	3,67	0,84	0,076	0,939

Nota: CS = Comportamentos de Segurança; CSF Conf = Comportamentos de Segurança Física Conformidade; CSF Part = Comportamentos de Segurança Física Participação; CSP Conf= Comportamentos de Segurança Psicológica Conformidade; CSP Part = Comportamentos de Segurança Psicológica Participação; Mglob CSF = Média global do Comportamento de Segurança Física; Mglob CSP = Média global do Comportamento de Segurança Psicológica; PercRisco - Preoc e Receio = Percepção de Risco - Preocupação e Receio; AssRisc = Assunção de Riscos; PS = Procura de Sensações; ExpSen = Experiência e Sensações; SusAb = Suscetibilidade ao Aborrecimento; NovAv = Novidade e Aventura; Desin = Desinibição; Otim = Otimismo

No que diz respeito às variáveis de personalidade, os valores das médias a nível das profissões de risco e não risco, não apresentam diferenças uns dos outros e ao não conterem diferenças não trazem nenhum tipo de informações novas. Isto pode-se explicar devido ao fato da personalidade ser preditora e assim é normal não existirem diferenças. Contudo, ainda dentro das variáveis da personalidade, a variável da assunção de riscos, tal como se pode observar pela tabela 3.5, mostra que os participantes da profissão de risco apresentam um nível de assunção de riscos significativamente superior ($t_{(231)} = 3.379$, $p = .001$) aos participantes de não risco. Face à média da percepção de risco - preocupação e receio, o valor é

mais elevado nas profissões de não risco (M=4,10) do que nas profissões de risco (M=3,93), não sendo significativo. Em relação aos comportamentos de segurança física e psicossocial, observa-se pela tabela 3.5 que todos os valores dos comportamentos de risco apresentam uma média superior às profissões de não risco, á excepção da média do comportamento de segurança psicológica - participação (M=2.86). Nenhuma das variáveis é significativa (.165), sendo por exemplo a mais acentuada no comportamento de segurança física - participação (M=3.64, p =.096)

3.3.4. Análises das correlações

Tabela 3.6

Análise das correlações entre as variáveis de personalidade, percepção de risco e comportamentos de segurança

		CS	Glob do CSF	Glob do CSP	PercRisc	AssRis	PS	Otim
CS	R							
Glob do CSF	R	0,918**						
Glob do CSP	R	0,933**	0,714**					
PercRisco	R	-0,003	0,011	-0,016				
AssRisc	R	0,052	0,035	0,062	-0,116			
PS	R	0,109	0,100	0,104	-0,136*	0,725**		
Otim	R	0,219**	0,240**	0,166*	-0,011	0,266**	0,414**	

Nota:*. Correlação é significativa ao nível 0,05.

** . Correlação é significativa ao nível 0,01.

Nota: R= Pearson Correlation; CS = Comportamentos de Segurança; Glob do CSF = Comportamento de Segurança Física; Glob do CSP = Comportamento de Segurança Psicológica; PercRisco= Percepção de Risco; AssRisc = Assunção de Riscos; PS = Procura de Sensações; Otim = Otimismo

Como se pode observar pela tabela 3.6, estão presentes os valores de correlação das variáveis de personalidade, percepção de risco e comportamentos de segurança.

Iniciando pelas variáveis de personalidade, os nossos resultados mostraram que existe uma correlação positiva entre a variável otimismo e os comportamentos de segurança (r =.219, p =.001) e com as suas variáveis, os comportamentos de segurança física (r =.240, p =.000) e os comportamentos de segurança psicossocial (r =.166, p =.010), ou seja, pessoas

que são mais otimistas exercem mais comportamentos de segurança, contudo, também se verifica que na variável otimismo, existe uma correlação positiva com a variável da assunção de riscos ($r = .266$, $p = .000$) e com a variável da procura de sensações ($r = .414$, $p = .000$), sendo que quanto mais elevado é o grau de otimismo num indivíduo mais este tem tendência para correr riscos, procurar sensações e experiências novas.

Em relação à variável da procura de sensações, observa-se que existe uma correlação negativa que embora seja significativa é uma relação fraca com a variável da percepção de risco ($r = -.136$, $p = .036$), ou seja, quanto maior for a vontade do indivíduo procurar sensações, menos este tem percepção ao risco. Ainda na variável procura de sensações, existe uma correlação positiva com a variável da assunção de riscos ($r = .725$, $p = .000$), isto é, quanto maior for a vontade de procurar sensações, mais o indivíduo assume riscos. A procura de sensações também se correlaciona positivamente com a variável do otimismo ($r = .414$, $p = .000$), sendo que quanto mais o indivíduo procura sensações, mais este se assume otimista face aos riscos.

Relativamente à variável da assunção de riscos, a correlação é positiva com a variável da procura de sensações ($r = .725$, $p = .000$), quer isto dizer que quanto maior for a vontade de assumir riscos maior será a vontade de procurar sensações. A assunção de riscos apresenta ainda uma correlação positiva com a variável do otimismo ($r = .266$, $p = .000$), sendo que quanto mais o indivíduo mostrar vontade em assumir riscos, maior será o grau de otimismo.

Quanto à variável da percepção de risco, esta apresenta uma correlação negativa com a variável da procura de sensações ($r = -.136$, $p = .036$), embora seja significativa é uma relação fraca, ou seja, quanto maior seja a percepção de risco, menor será a vontade de o indivíduo procurar sensações, novas experiências e correr riscos.

No que diz respeito aos comportamentos de segurança, não se observa qualquer correlação positiva com as variáveis de personalidade assunção de riscos e procura de sensações ($p > 0,05$), apenas com a variável do otimismo. Os comportamentos de segurança apresentam uma correlação positiva com a variável otimismo ($r = .219$, $p = .001$), e como normal, com as suas variáveis, os comportamentos de segurança física ($r = .240$, $p = .000$), e os comportamentos de segurança psicossocial ($r = .166$, $p = .010$), quer isto dizer que quanto mais comportamentos de segurança sejam exercidos, mais otimistas os indivíduos se tornam.

3.4. Discussão e conclusões

Vários estudos têm mostrado o efeito das variáveis de personalidade nos comportamentos de risco. As profissões de maior risco, tais como bombeiros, INEM, militares, etc., são profissões de risco com elevadas exigências em termos de comportamentos de segurança e apesar das várias horas de formação, treino e protocolos de atuação que estes profissionais recebem, continua a registar-se um elevado número de acidentes. Este estudo pretendeu avaliar por um lado, o grau de relação entre as variáveis de personalidade, perceção de risco e comportamentos de segurança e, por outro lado, comparar estas variáveis em função da atividade profissional risco vs. baixo risco.

Sabe-se que a personalidade, os modos duradouros que uma pessoa tem no modo de sentir, pensar e se comportar, é considerado determinante no que diz respeito ao que as pessoas pensam e sentem sobre os seus empregos e satisfação ao nível profissional (George, 1992). Os nossos resultados mostraram que os indivíduos não têm valores significativamente diferentes nas variáveis de personalidade. A única diferença significativa entre os dois grupos profissionais foi observada na variável assunção de riscos. Estes resultados podem ser explicados visto que apesar da assunção de riscos ser um traço, é no entanto uma expressão comportamental, tal como refere Koh (1996), que afirma que os traços de personalidade são os construtivos que descrevem padrões comportamentais na vida dos indivíduos, sendo um desses traços a assunção de riscos (Koh, 1996), pelo que pode ser afetada pela profissão. Outros estudos abordam o mesmo tal como Garcia (2006), Zuckerman (2008), Beyth-Marom e Fischho (1997), Beyth-Marom, Austin, Fischho, Palmgren e Quadrel, (1993), Byrnes (1998), Furby e Beyth-Marom (1992), Irwin (1993). Apesar de uma interpretação legítima novos estudos deverão analisar este aspeto.

Entre as variáveis de personalidade, os dados refletem o suporte teórico (Fowles, 1980; Gray, 1982; Hare, 1965; Quay, 1965; Zuckerman, 1979, 1983). O nosso estudo vai de encontro ao estudo de Zuckerman e Kuhlman (2000), em que a variável da assunção de riscos está relacionada com a procura de sensações, em que os indivíduos apresentam uma disposição geral para correrem e assumirem os riscos, apenas pela sensação que isso lhes dá, por causa da emoção que lhes proporciona e não por outro tipo de razão (Zuckerman, 1994).

Por outro lado, o otimismo é um traço de personalidade definido como um conjunto de expectativas de resultados positivos generalizados, em que face à sua conceptualização, as pessoas têm uma tendência pessoal persistente, em que esperam que as coisas sigam o seu

próprio caminho e acreditam que terão mais bons resultados do que maus, estando dispostos a otimizar (Scheier & Carver, 1985). Na mesma linha de raciocínio, são vários os estudos que examinaram o traço de personalidade do otimismo como preditor de desempenho (Seligman & Schulman, 1986; Chemers, Hu, & Garcia, 2001; Chemers, Watson & May, 2000). Deste modo, o otimismo é visto como uma característica de personalidade estável, contudo tem implicações significativas para a forma de como as pessoas agem e regulam as suas ações e comportamentos (Scheier & Carver, 1985), e vai influenciar o processo da procura de sensações.

Os nossos resultados mostraram uma relação positiva das variáveis otimismo e percepção de risco. Dito de outra forma, indivíduos com maior nível de otimismo vão assumir-se mais positivistas menos despreocupados e correndo ainda mais riscos (Weinstein, 1980), apresentando menor percepção de risco, o que poderá desencadear mais comportamentos de risco. São indivíduos que se envolvem mais facilmente em acontecimentos ou situações onde o perigo esteja presente, tendo menos preocupações com as regras e regulamentos de segurança no trabalho (Caponecchia, 2010). No entanto, esta tendência é relativa a situações específicas e à avaliação que o indivíduo faz das suas capacidades/habilidades que possuem para orientar as situações. Pelo que a variável auto-eficácia é uma variável a considerar.

Bandura (1977) definiu o conceito de auto-eficácia como a opinião dos indivíduos relativamente à sua capacidade de sucesso em gerir os próprios comportamentos, de forma a atingir os resultados desejados. Do mesmo modo, Senemoğlu (2000) definiu a auto-eficácia como um julgamento sobre a capacidade das pessoas enfrentarem diferentes situações e realizarem tarefas específicas. A teoria cognitiva social realça o papel importante que a auto-eficácia desempenha no comportamento humano, sendo que Bandura (2012) considera a auto-eficácia como uma variável que vai influenciar de forma direta os comportamentos dos indivíduos, prevendo melhores resultados específicos. A auto-eficácia manifestou-se válida em várias culturas (Luszczynska, 2005), e por ser estável ao longo do tempo é vista como uma característica e não por um estado (Chen, 2000).

Deste modo é importante mencionar que a auto-eficácia se relaciona com o otimismo e por sua vez, com os comportamentos. Estes assumem a mesma construção psicológica na avaliação do futuro, sendo que uma conexão teórica entre esses dois fatores foi proposta (Magaletta & Oliver, 1999). Ainda assim, algumas diferenças importantes são encontradas nesses fatores. A auto-eficácia elevada proporciona expectativas positivas do futuro, enquanto pouca auto-eficácia está associada à impotência e ao pessimismo (Ausbrooks, Thomas &

Williams, 1995). Como tal, a auto-eficácia pode ser assim a causa ou o resultado do otimismo.

Bandura (1986) salienta que a percepção da falta de eficácia determina a perseverança para superar dificuldades, a escolha de atividades, o nível de esforços e o desempenho. Kiremit e Gökler (2010) confirmam as observações de Bandura (1986), referindo que em caso de uma situação difícil, um indivíduo que apresente uma alta percepção de auto-eficácia exerce mais esforço e dedicação para alcançar um objetivo, sendo mais persistente e não desistindo facilmente e apresentam também uma maior confiança nas suas capacidades e têm mais iniciativa no desempenho das suas responsabilidades (Avey, Luthans e Jensen, 2009). Assim, indivíduos que desempenham profissões de primeira resposta e que apresentem uma elevada percepção de eficácia irão exercer um maior esforço no seu contexto profissional. Deste modo, em estudos futuros seria importante avaliar o efeito da auto-eficácia nas profissões de risco comparativamente com as profissões de baixo risco, tanto para a gestão dos riscos como para a capacidade que estes têm de resposta aos imprevistos.

No que diz respeito à variável da procura de sensações, esta vai ter uma correlação positiva com o otimismo, sendo que quanto mais o indivíduo procura sensações, mais este se torna otimista face aos riscos e às situações que lhe podem ocorrer quando procura novas experiências e sensações. Zuckerman (2007) confirma esta relação, afirmando que a procura de sensações é um traço de personalidade genética, sendo que a preferência deste traço está direcionado para altos e baixos níveis de estimulação sensorial, que é definido pela procura de sentimentos e experiências “*variadas, novas, complexas e intensas*” e pela prontidão para assumir riscos, ou seja, está correlacionado com uma propensão face aos comportamentos de risco numa variedade extraordinariamente ampla de configurações diferentes (Zuckerman & Neeb, 1980).

Sobre a percepção de risco, Weber (1999) refere que esta variável pode ser diferente entre os indivíduos, tendo em conta a função do conteúdo e do contexto, em que os indivíduos decompõem o comportamento de risco numa avaliação entre benefícios e riscos percebidos (Weber & Milliman, 1997). Os nossos resultados em relação à variável percepção de risco mostraram que existe uma correlação negativa com a variável procura de sensações, embora seja significativa esta é uma relação fraca, que significa que quanto mais alto forem os níveis de percepção de risco num indivíduo menor serão as hipóteses deste exercer comportamentos de riscos e procurar novas experiências e sensações.

Neste sentido, Arnett (1990), Horvath e Zuckerman (1993), referem que pessoas que procuram novas sensações, têm menos compreensão sobre os riscos e estão envolvidos em comportamentos mais arriscados, enquanto indivíduos que não apresentam altos valores na procura de sensações, avaliam melhor os riscos, tendo uma percepção de risco mais elevada e deste modo realizam menos comportamentos de risco (Rosembloom, 2003).

Foi testado as diferenças em função da atividade profissional (risco/não risco) para as variáveis de personalidade, e tal como esperado, não foram observadas diferenças. Esta ausência de diferenças pode ser explicada pelo fato da personalidade ser preditora significativa do desempenho (Barrick e Mount, 1991; Tett, Jackson e Rothstein, 1991). Foram observadas diferenças na assunção de riscos que fazendo parte das variáveis de personalidade é comportamental e, portanto, é mais afetada pelo contexto profissional.

Os profissionais de risco apresentam valores superiores na assunção de risco do que os participantes de não risco, assumindo que os indivíduos que exercem profissões de risco tendem a assumir mais riscos do que aqueles que exercem as profissões de não risco. Por exemplo, Cullen, Link, Travis, e Lemming (1983), Kraus, (1987), Skolnick (1966), referem que a profissão de polícia implica uma certa quantidade de risco e aqueles que são atraídos para isso como uma profissão, provavelmente aceitarão ou até serão atraídos para a profissão por causa do risco que ela envolve, sendo que as profissões de risco devido à exposição profissional ao qual se submetem diariamente estão expostas a diversos tipos de situações no desempenho das suas atividades laborais.

Zaleski (1984) elaborou um estudo com base em indivíduos que desempenham profissões de risco (como por exemplo, bombeiros, emergência médica, equipas de resgate), grupo de desportos de risco (motoristas de alta competição, alpinitas) e um grupo de não risco controlado, em que mostra que o grupo dos desportos de risco obteve uma maior pontuação na assunção de riscos e na procura de sensações do que o grupo profissional de risco, que obteve mais classificação do que o grupo de não risco. De forma semelhante, Musolino & Hershenson (1997), mostraram que os indivíduos com ocupações ao qual colocavam os outros em perigo (e.g, pilotos, controladores de tráfego aéreo) obtiveram resultados significativamente maiores na assunção de riscos e procura de sensações do que os estudantes universitários e funcionários públicos.

Analisando os restantes dados recolhidos, no que diz respeito aos valores da comparação das médias nas escalas e dimensões para os dois tipos de profissões risco e não

risco que estão presentes na tabela 5, não foram observadas diferenças significativas nas variáveis da personalidade entre os dois grupos profissionais.

No que concerne à variável da percepção de risco - preocupação e receio que temos presente no nosso estudo, esta é delimitada como o “conjunto de crenças, atitudes, avaliações e sentimentos das pessoas a cerca das situações de perigo e dos riscos a elas associadas” (Pidgeon, 1992). É uma avaliação subjetiva sobre uma eventual forma de risco ou fonte, ao qual se pode apresentar sob a forma de uma atividade, tecnologia ou acontecimento. De acordo com esta teoria, estudos referem que os indivíduos são mais propensos a executarem um comportamento protetor quando antecipam consequências negativas, tendo o desejo de as evitar e tomarem medidas preventivas (Becker & Maiman, 1975). Os resultados mostraram que na variável percepção de risco - preocupação e receio os valores são mais elevados nas profissões de não risco do que nas profissões de risco, não sendo significativo, mas mostrando que os indivíduos que têm uma maior percepção de risco são os que exercem as profissões de não risco ao invés daqueles que exercem profissões de risco, que pelo geral seria normal que os indivíduos que exercessem profissões de risco tivessem uma percepção de risco maior do que os de não risco, porque a probabilidade é maior de ocorrerem situações desagradáveis.

Por exemplo, Geurin e Geurin (1994) referem que a agricultura (sendo uma profissão de não risco), sempre envolveu algum grau de percepção ao risco, devido à incerteza consideravelmente particular em relação à mudança climática e aos impactos que isso teria na produção (Krogmann, 2001; Shrapnel & Davie, 2000; Pannell, 2003), enquanto por outro lado Hunter (2002) encontrou, entre os pilotos (sendo os pilotos uma profissão de risco) uma relação negativa entre tolerância ao risco e percepção de risco, de modo que um indivíduo provavelmente se comportará perigosamente se perceber uma atividade associada a um menor risco.

As variáveis output que nos interessaram foram os comportamentos de segurança. Segundo Henning (2009), Neal e Griffin (2004), Rundmo e Hale (2003), a atitude de segurança é uma estruturação a nível individual que retrata sentimentos e crenças que um indivíduo mantém em relação a procedimentos, práticas e políticas de segurança. Reforçando a ideia, Hofmann e Moregson (1999), definem o comportamento de segurança como "aderência às práticas e procedimentos de segurança estabelecidos (por eg., o uso de equipamentos de proteção pessoal e não tomar atalhos inseguros)".

Uma das características dos trabalhadores que podem determinar o cumprimento ou o incumprimento dos comportamentos de segurança no trabalho é o traço de otimismo que estes possuem sobre o risco de acidentes no local de trabalho.

Como Bley (2004) refere, o comportamento de segurança de um indivíduo define-se como a capacidade que este possui para fazer a identificação e controlo dos riscos na atividade laboral que está a executar, reduzindo assim a probabilidade de consequências que são indesejáveis, tanto para o indivíduo como para os seus colegas e em nota geral, o traço otimismo é definido por uma tendência de expectativas para o futuro e a confiança na capacidade de lidar com os desafios (Boehm & Kubzansky 2012, Carver & Connor-Smith 2010), em que maiores níveis de otimismo têm sido relacionados a um melhor bem-estar subjetivo em tempos de adversidade ou dificuldade.

Em consonância com essas descobertas, o otimismo tem sido associado a níveis mais altos de envolvimento e ambição e níveis mais baixos de evasão ou desengate e enfrentamento (Carver & Scheier, 2014). Carver e Scheier (2002) e Carver (2010) descrevem o otimismo como um mecanismo auto-regulador, em que as pessoas otimistas são mais propensas a seguir e a se envolverem em direção a um objetivo. Os resultados obtidos permitem-nos observar uma correlação positiva a nível dos comportamentos de segurança, aos quais integram os comportamentos de segurança física e os comportamentos de segurança psicossocial, é com a variável otimismo. Analisando a correlação entre os dois, pode-se referir que quanto mais comportamentos de segurança sejam exercidos, mais será o nível de otimismo. Os indivíduos que apresentam um grau elevado de otimismo ao exercerem comportamentos de segurança, assumem que nada de negativo lhes acontecerá, porque pensam que ao praticarem os comportamentos de segurança que não têm a probabilidade de virem a ser afetados, ficando despreocupados em relação aos riscos.

Esta evidência já foi observada em estudos anteriores, em que Luthans, Avolio, Avey e Norman (2007) referem que os funcionários ao serem mais otimistas, resilientes, e eficazes poderão ser mais inclinados a enfrentar situações de risco, em todo o tipo de contextos num ambiente que cada vez é mais sofisticado e o traço de otimismo neste contexto atual irá abordar uma visão positiva e favorável do risco a nível de acidentes pessoais (Zohar, 1980).

Noutras palavras, existe uma visão de que, mesmo quando os indivíduos otimistas ignoram as regras de segurança, estes ainda mantêm a esperança de que não se envolverão em qualquer forma de acidente.

Em relação aos resultados obtidos nos comportamentos de segurança física e psicossocial, é observado que os valores dos comportamentos de segurança apresentam uma média superior às profissões de não risco, à exceção da média do comportamento de segurança psicológica - participação, em que nenhuma das variáveis é significativa, sendo por exemplo a mais acentuada no comportamento de segurança física - participação. Através dos resultados podemos assumir que os indivíduos que praticam mais comportamentos de segurança são aqueles que executam profissões de risco, associado à preocupação em dotar estes indivíduos de formação focada na segurança, comparativamente com outras profissões. Moore-Merrell, Zhou, McDonald-Valentine, Goldstein e Slocum (2008) consideram que existem riscos de segurança em todas as profissões, mas existem profissões mais arriscadas do que outras. Por exemplo, a luta contra os incêndios.

A literatura vai de encontro com o que foi referido, afirmando que os Bombeiros, ao tentarem executar os seus deveres, estão expostos a exposições ambientais e a agentes químicos, cargas pesadas de trabalho físico e a altos níveis de stress (Szubert & Sobala, 2002; International Association of Firefighters, 1999; Walton, Conrad, Furner & Samo, 2003), sendo que o serviço de Bombeiros é uma das indústrias mais perigosas a nível de taxas de lesões relacionadas ao trabalho, e por isso é imperativo tornar essa ocupação o mais segura possível (Windham, 2005). Neste sentido e como o risco ocupacional de combate a incêndios não pode ser removido, não se conseguindo eliminar o risco, a maneira de combater e reduzir o risco é adotando comportamentos de segurança (Moore-Merrell, 2008). Deste modo, como o comportamento dos trabalhadores tanto a nível de profissões de risco e não risco contribui para a ocorrência de acidentes de trabalho, dar formação aos trabalhadores sobre os riscos presentes no ambiente de trabalho e como minimizar estes, pode ajudar a promover a segurança e saúde dos trabalhadores (Zalewski, 2005).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações Finais

Antes de desenvolver a explicação dos resultados, importa recapitular o objetivo geral desta investigação. Vários estudos têm mostrado o efeito das variáveis de personalidade nos comportamentos de risco (Câmara, 2005; Highhouse & Yiice, 1996). Este estudo teve então como objetivo testar um modelo que tem por base a relação entre variáveis de personalidade e percepção de risco como preditores dos comportamentos de segurança e procurou-se compreender se os profissionais de primeira resposta apresentam valores diferentes dos comportamentos de risco com as variáveis predictoras.

Primeiramente, com o intuito de verificar se existiam diferenças significativas entre as variáveis em estudo e os dois grupos profissionais, observaram-se os resultados obtidos.

Através da análise dos resultados obtidos, verificou-se que os indivíduos não têm valores significativamente diferentes nas variáveis de personalidade (procura de sensações, assunção de risco, otimismo) sendo um resultado expectável, visto que as variáveis utilizadas são estáveis, não dependem da profissão (Costa & McCrae, 1997) e são predictoras (Barrick e Mount, 1991).

A única diferença significativa entre os dois grupos profissionais (risco e não risco) a nível da personalidade foi observada na variável assunção de riscos, visto que apesar de esta variável ser um traço é também uma expressão comportamental, sendo que novos estudos deveriam analisar este aspeto futuramente. Ainda na assunção de riscos, esta está correlacionada positivamente com a variável procura de sensações (Zuckerman, 1994) e otimismo (Zuckerman, 2008), e os resultados mostraram que os participantes da profissão de risco apresentam um nível de assunção de riscos significativamente superior aos participantes de não risco. A outra variável de personalidade, procura de sensações, vai ter uma correlação positiva com o otimismo (Zuckerman & Neeb, 1980; Scheier & Carver, 1985). Em relação à variável otimismo, é de salientar que houve apenas um pequeno número de estudos que investigaram a influência do otimismo no desempenho ou comportamentos relacionados ao trabalho, sendo que estudos futuros poderiam analisar este aspeto.

Em relação à variável percepção de risco, como era esperado, os resultados mostraram que existe uma correlação positiva com as variáveis de personalidade (Starr, 1969; Lowrance, 1976; Jonah, 1997). Por outro lado e na mesma variável, observou-se uma correlação negativa com a variável procura de sensações, embora os resultados mostrem que os valores não sejam significativos, são mais elevados nas profissões de não risco do que nas de risco.

A última variável é referente aos comportamentos de segurança e apresentam uma correlação positiva com a variável otimismo (Luthans, Avolio, Avey & Norman, 2007), e em que se observa que os valores desta variável apresentam em geral uma média superior nas profissões de risco em relação às de não risco.

De pertinente importância é a consideração das limitações do presente estudo que são posteriormente apresentadas com o intuito de contribuir para investigações futuras.

A replicação do presente estudo com uma amostra superior poderá ser uma mais-valia para investigações futuras, possibilitando assim generalizar os resultados obtidos. No que diz respeito à análise das variáveis no geral, destaca-se que o modelo presente no estudo apresenta aspetos importantes relativos ao peso que as variáveis de personalidade, percepção de risco e comportamentos de segurança têm entre os dois grupos profissionais, e seria importante em estudos futuros analisar a influência de variáveis não contempladas neste estudo, sugeridas na literatura como influentes, como por exemplo o clima de segurança (Mearns & Flin, 1999), que irá constituir seguramente valor acrescentado na reflexão teórica em torno do presente tema e incidir mais no conceito da auto-eficácia (Bandura, 1977) e na sua ligação ao otimismo e comportamentos.

O facto de os resultados não serem tão expressivos quanto o esperado, pode justificar-se pela existência de um conjunto de variáveis que desempenham o papel de mediadoras e/ou moderadoras afetando a direção dos resultados e o peso das variáveis predictoras.

Em síntese, assinalamos como um dos aspetos mais relevantes da nossa investigação, a atualidade do tema que aborda, numa época em que a discussão está presente na sociedade. Os objetivos da investigação foram cumpridos e espera-se que os resultados alcançados tenham enriquecido o estudo da relação entre as variáveis em estudo incidindo nas profissões de risco vs não risco, e que de igual modo sirvam de inspiração a outros trabalhos a realizar no âmbito da mesma área e suas implicações no local de trabalho.

No futuro, deviam ser feitos estudos qualitativos, através de entrevistas, que permitam compreender o processo de tomada de decisão, as dificuldades do processo, e os critérios em situações de risco, de forma a tentar compreender qual a tomada de decisão, o processo cognitivo associado, e de que forma os agentes de primeira resposta mesmo tendo mais formação, mais treinos e consciência, continuam a ter/correr muitos riscos.

O estudo, que tem por base as variáveis de personalidade, percepção de risco – preocupação e receio e comportamentos de segurança em relação às profissões de risco/não

risco pode contribuir para uma melhor abordagem técnica e conseqüentemente para uma maior prevenção face a comportamentos de risco e acidentes de trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A.A., VV. (1984). EMT: *Basic National Standard Curriculum, Appendix E*. Retirado de: <http://nhtsa.dot.gov/people/injury/ems/pub/emtbns.pdf>, consultado a 10 de novembro de 2017.
- Adler-Tapia, R. (2013). Early mental health intervention for first responders/protective service workers including firefighters and emergency medical services professionals. In M. Luber (Ed.), *Implementing EMDR Early Mental Health Interventions for Man-Made and natural disasters: Models, scripted protocols, and summary sheets*. New York, NY: Springer Publishing Co. 343-369.
- Adriaenssens J., de Gucht V., & Maes S. (2013). Causes and consequences of occupational stress in emergency nurses, a longitudinal study. *Journal Nursing Management*, 57, 151-160. 10.1111/jonm.12138.
- Ajzen, I. (1987). Attitudes, traits, and actions: dispositional prediction of behavior in Personality and social psychology. *Advances in Experimental Social Psychology*, 20, 1-63. Doi:10.1016/S0065-2601(08)60411-6.
- Alberts, A., Elkind, D., & Ginsberg, S. (2006). The personal fable and risk-taking in early adolescence. *Journal Youth Adolescence*, 4, 71-77.
- Allport, G. W. (1937). *Personality: A psychological interpretation*. New York: Holt.
- Allport, G. W. (1973). *Personalidade: Padrões e desenvolvimento* (2a ed.). São Paulo: EPU.
- Allport, G. W. (1999). *Personality: A psychological interpretation*. New York: Holt. Disponível em: <<http://www.itu.dk/~barkhuus/allport.pdf>>. Acesso em: 21 de Fevereiro de 2018.
- Alshamsi, A., Pianesi, F., Lepri, B., Pentland, A., & Rahwan, I. (2015). Beyond contagion: reality mining reveals complex patterns of social influence. *PLOS ONE*, 1-15. Doi: <http://arxiv.org/abs/1507.04192>.
- Areosa, J. (2012). A importância das percepções de riscos dos trabalhadores. *International Journal on Working Conditions*, 3, 55-64. ISSN 2182-4096.
- Arnett, J. (1996). Sensation seeking, aggressiveness, and adolescent reckless behavior. *Personality and Individual Differences*, 20 (6), 693-702.
- Arnett, J. J. (1990). *Drunk driving, sensation seeking, and egocentrism among adolescents*. *Personality and Individual Differences*, 11, 541-546.
- Arezes, P.M., & Miguel, A.S. (2008). Risk perception and safety behaviour: a study in an occupational environment. *Safety Science*, 46 (6), 900-907.
- Ausbrooks E.P., Thomas, S.P., & Williams, R.L. (1995). Relationships among self-efficacy, optimism, trait anger, and anger expression. *Health Values: The Journal of Health*

Behavior, Education & Promotion, 19, 46-54. Doi: 10.1097/MD.0000000000000142
PMID: 25590833

- Aven, T., & Renn, O. (2009). On risk defined as an event where the outcome is uncertain. *Journal Risk Research*, 12, 1-11. Doi: <http://dx.doi.org/10.1080/13669870802488883>.
- Avey, J. B., Luthans, F., & Jensen, S. M. (2009). Psychological capital: A positive resource for combating employee stress and turnover. *Human Resource Management*, 48, 677-693. Doi: <https://doi.org/d7tmck>.
- Baird, B. M., Le, K., & Lucas, R. E. (2006). On the nature of intraindividual Personality variability: Reliability, validity, and associations with well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90, 512-527. Doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.90.3.512>.
- Bakker, A. B., & Demerouti, E. (2007). The job demands-resources model: State of the art. *Journal of Managerial Psychology*, 22, 309-328.
- Barratt, E.S. (1972). Anxiety and impulsiveness: Toward a neuropsychological model. In C. Spielberger (Ed.), *Current trends in theory and research* (vol.1, pp. 195-222). New York: Academic Press
- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, 84 (2), 191-215.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: Freeman.
- Bandura, A. (1999). Social cognitive theory of personality. In D. Cervone & Y. Shoda (Eds.), *The coherence of personality: Social-cognitive bases of consistency, variability, and organization* (pp. 185-241). New York: Guilford Press, 185-241, New York.
- Bandura, A. (2001). Guía para la construcción de escalas de autoeficacia. *Evaluar*. Doi: <http://www.revistaevaluar.com.ar/effguideSpanish.htm>
- Bandura, A. (2012). On the functional properties of perceived self-efficacy revisited. *Journal of Management*, 38 (1), 9-44.
- Barratt, E.S. (1994). Impulsiveness and aggression. In M. J., Steadman, H.J. (Eds.), *Violence and mental disorder: Developments in risk assessment* (pp 61-79). Chicago: University of Chicago Press
- Barrick, M.R., & Mount, M.K. (1991). The big five Personality dimensions and job performance: A meta-analysis. *Personnel Psychology*, 44, 1-26.
- Becker, M.H., & Maiman, L.A. (1975). Sociobehavioral determinants of compliance with health and medical care recommendations. *Medical Care*, 13 (1), 10-24.
- Bem, S.L., & Lewis, S.A. (1975). Sex role adaptability: One consequence of psychological androgyny. *Journal of Personality and Social Psychology*, 31, 634-643. Doi: <http://dx.doi.org/10.1037/h0077098>.

- Benedek, D.M., Fullerton, C., & Ursano, R.J. (2007). First responders: mental health consequences of natural and human-made disasters for public health and public safety workers. *Annual Review of Public Health, 28*, 55-68.
- Beus, J.M., Dhanani, L.Y., & McCord, M.A. (2015). A meta-analysis of personality and workplace safety: addressing unanswered questions. *Journal Applied. Psychology, 100* (2), 481-498
- Beyth-Marom, R., Austin, L., Fischho V, B., Palmgren, C., & Quadrel, M. J. (1993) Perceived consequences of risky behaviors: adults and adolescents. *Developmental Psychology, 29*, 549-563.
- Beyth-Marom, R., & Fischho, V.B. (1997). Adolescents decisions about risks: a cognitive perspective. In J. Schulenberg & J. L. Maggs (Eds.), *Health risks and developmental transitions in adolescence*. New York: Cambridge University Press.
- Biesanz, J.C., & West, S.G. (2000). Personality coherence: Moderating self-other profile agreement and profile consensus. *Journal of Personality and Social Psychology, 79* (3), 425. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.79.3.425>.
- Bley, J.Z. (2004). *Competências para prevenir: Ensino-aprendizagem de comportamentos seguros no trabalho*. Anais do 20 Congresso Mundial de Manutenção Industrial. Curitiba: ABRAMAN.
- Bley, J.Z. (2004). *Variáveis que caracterizam o processo de ensinar comportamentos seguros no trabalho*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, UFSC.
- Boehm, J.K., & Kubzansky, L.D. (2012). The heart's content: the association between positive psychological well-being and cardiovascular health. *Psychological Bulletin, 138*, 655-91.
- Bouyer, M., Bagdassarian, S., Chaabanne, S., & Mullet, E. (2001). Personality correlates of risk perception. *Risk Analysis, 21* (3), 457-465.
- Bronkhorst, B. (2015). Behaving safely under pressure: The effects of job demands, resources, and safety climate on employee physical and psychosocial safety behavior. *Journal of Safety Research, 55*, 63-72.
- Brown, K.A., Willis, P.G., & Prussia, G.E. (2000). Predicting safe employee behavior in the steel industry: Development and test of a socio-technical model. *Journal of Operations Management, 18*, 445-465.
- Brody, E. B., Hatfield, B. D., & Spalding, T. W. (2012). Generalization of self-efficacy to a continuum of stressors upon mastery of a high-risk sport skill. *Journal of Sport and Exercise Psychology, 6*, 32-44.
- Burri, A. (2017). Sexual sensation seeking, sexual compulsivity, and gender identity and its relationship with sexual functioning in a population sample of men and women. *Journal Sexual Medicine, 14* (1), 69-77.
- Busato, V.V., Prins, F.J., Elshout, J.J., & Hamaker, C. (2000). Intellectual ability, learning style, personality, achievement motivation and academic success of psychology students

- in higher education. *Personality Individual Differences*, 29, 1057-1068. Doi:10.1016/S0191-8869(99)00253-6.
- Byrnes, J.P., Miller, D.C., & Schafer, W.D. (1999). Gender differences in risk taking: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 125 (3), 367-383.
- Câmara, S.G. (2005). *Comportamentos de risco entre jovens*. *PSICO*, 36 (1), 89-97.
- Caponecchia, C. (2010). It won't happen to me: An investigation of optimism bias in occupational health and safety. *Journal of Applied Social Psychology*, 40 (3), 601-617.
- Carver C.S., & Connor-Smith, J. (2010). Personality and coping. *Annual Review Psychology*, 61, 679-704
- Carver, C.S., Scheier, M.F., & Segerstrom, S.C. (2010). Optimism. *Clinical Psychology Review*, 30, 879-889.
- Carver, C.S., & Scheier, M.F. (1998). *On the self-regulation of behavior*. New York: Cambridge University Press.
- Carver, C.S., & Scheier, M.F. (2000). *Perspectives on personality* (4th ed.). Boston: Allyn and Bacon.
- Carver, C.S. & Scheier, M.F. (2002). Optimism. In C.R. Snyder & S.J. Lopez (Eds.), *Handbook of Positive Psychology* (231-243), New York, NY: Oxford University Press.
- Carver, C.S., & Scheier, M.F. (2014). Dispositional optimism. *Trends in Cognitive Sciences*, 18 (6): 293-299.
- Carver, C.S., Scheier, M.F., & Segerstrom, S.C. (2010). Optimism. *Clinical Psychology Review*, 30, 878-89.
- Cervone, D. (2004). The architecture of personality. *Psychological Review*, 111, 183-204.
- Cervone, D., & Shoda, Y. (Eds.). (1999). *The coherence of personality*. New York: Guilford Press.
- Chang, E.C., & Farrehi, A.S. (2001). Optimist/pessimist and information-processing styles: can their influences be distinguished in predicting psychological adjustment? *Personality and Individual Differences*, 31, 555-562.
- Chemers, M.M., Hu, L., & Garcia, B.F. (2001). Academic self-efficacy and first year college student performance and adjustment. *Journal of Educational Psychology*, 93 (1), 55-64.
- Chemers, M.M., Watson, C. B., & May, S. T. (2000). Dispositional affect and leadership effectiveness: A comparison of self-esteem, optimism, and efficacy. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26 (3), 267-277.
- Chen, G., Gully, S. M., Whiteman, J. A., & Kilcullen, R. N. (2000). Examination of relationships among trait-like individual differences, state-like individual differences, and learning performance. *Journal of Applied Psychology*, 85, 835-847.

- Chen, C.F. (2009). Personality, safety attitudes and risky driving behaviors-Evidence from young Taiwanese motorcyclists. *Accident Analysis and Prevention*, *41*, 963-968.
- Chen, Y. S., Chen, M. C., Chuou, F. H. C., Sun, F. C., Chen, P. C., Tsai, K. Y., & Chao, S. S. (2007). The relationship between quality of life and posttraumatic stress disorder or major depression for firefighters in Kaohsiung, Taiwan. *Quality of Life Research*, *16* (8), 1289-1297. Doi: 10.1007/s11136-007-9248-7.
- Christian, M.S., Bradley, J.C., Wallace, J.C., & Burke, M.J. (2009). Workplace safety: A meta-analysis of the roles of person and situation factors. *Journal of Applied Psychology*, *94*, 1103-1127.
- Clarke, S. (2010). An integrative model of safety climate: linking psychological climate and work attitudes to individual safety outcomes using meta-analysis. *Journal Occupational Organisational Psychology*, *83* (3), 553-578. Doi: <http://dx.doi.org/10.1348/096317909X452122>.
- Coelho, G, Vilarb, R, Hanel, Paul, Monteiro, R, Ribeiro, & M, Gouveia, V. (2018). Optimism scale: Evidence of psychometric validity in two countries and correlations with personality. *Personality and Individual Differences*, *134*, 245-251. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.06.030>
- Cordeiro, R. (2002). Suggestion of an inverse relationship between perception of occupational risks and work-related injuries. *Cadernos de Saúde Pública*, *18*, 45-54.
- Costa, P.T., Jr., & McCrae, R. R. (1992). *Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO Five-factor Inventory (NEO-FFI) Manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Cullen, F.T., Link, B.G., Travis, L.F, & Lemming, T. (1983). Paradoxin policing. A note on perceptions of danger. *Journal of Police Science and Administration*, *11*, 457-462.
- Dahlen, ER, Martin, RC, Ragan, K, & Kuhlman, M.M.(2005). Driving anger, sensation seeking, impulsiveness, and boredom proneness in the prediction of unsafe driving. *Accidents Anaysis Prevention.*, *37* (2), 341-8.
- DeYoung, C.G., Quilty, L.C., & Peterson, J. (2007). Between facets and domains: 10 aspects of the Big Five. *Journal of Personality and Social Psychology*, *93*, 880-896.
- Donahue, E.M., Robins, R.W., Roberts, B.W., & John, O.P. (1993). The divided self: Concurrent and longitudinal effects of psychological adjustment and social roles on self- concept differentiation. *Journal of Personality and Social Psychology*, *64*, 834-846. Doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.64.5.834>.
- Dorn, L., & Brown, B. (2003). Making sense of invulnerability at work-a qualitative study of police drivers. *Safety Science*, *41*, 837-859.
- Douglas, M., & Wildavsky, A. B. (1982). *Risk and culture: An essay on the selection of technical and environmental dangers*. Berkeley, CA: University of California Press.

- Drane, C., Modecki, K., & Barber, B. (2017). Disentangling development of sensation seeking, risky peer affiliation, and binge drinking in adolescent sport. *Addictive Behaviors*, 66, 60-65.
- Dreier, O. (2011). Personality and the conduct of everyday life. *Nordic Psychology*, 63 (2), 4.
- Ellis, B., Figueredo, A., Brumbach, B., & Schlomer, G. (2009). *Fundamental dimensions of environmental risk*. *Human Nature*, 20 (2), 204-268.
- Epstein, S. (1994). *Integration of the cognitive and the psychodynamic unconscious*. *American Psychology*, 49, 709-724. Doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.49.8.709>.
- Erikson, E.H. (1950). *Childhood and society*. New York: W.W. Norton. Levinson, D. J. (1986). A conception of adult development. *American Psychologist*, 41(1), 3-13.
- Eysenck, H.J., & Eysenck, M.W. (1985). *Personality and individual differences: A natural science approach*. New York: Plenum Press.
- Fahrenkrug, H., Rehm, J. (1994). *Drinking patterns, risk-taking and road accidents of young drivers: results of a Swiss case-control study*. *Soz Präventivmed*, 39 (4), 227-238.
- Fleeson, W. (2001). Toward a structure- and process-integrated view of personality: traits as density distributions of states. *Journal of Personality and Social Psychology*, 80, 1011-1027. Doi: 10.1037/0022-3514.80. 6.1011.
- Fleeson, W. (2004). Moving personality beyond the person-situation debate: the challenge and the opportunity of within-person variability. *Current Directory* 13, 83-87. Doi: 10.1111/j.0963-7214.2004.00280.
- Fleeson, W. (2007). Situation-based contingencies underlying trait-content manifestation in behavior. *J. Personality.*, 75, 825-861. Doi:10.1111/j.1467-6494. 2007.00458.x.
- Fleeson, W. (2012). Perspectives on the person: Rapid growth and opportunities for integration. In K. Deaux & M. Snyder (Eds.), *The Oxford handbook of personality and social psychology* (pp. 33-63). New York: Oxford University Press.
- Fleeson, W., & Gallagher, P. (2009). The implications of Big Five standing for the distribution of trait manifestation of behavior: Fifteen experience-sampling studies and a meta-analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 97, 1097-1114.
- Fleeson, W., & Jayawickreme, E. (2015). Whole trait theory. *Journal of Research in Personality*, 56, 82-92.
- Formiga, N., Aguiar, M., & Omar, A. (2008). Busca de sensação e condutas anti-sociais e delitivas em jovens. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28 (4), 668 -681.
- Francisco, H.S. (2014). Importância dos EPI's nas atividades de combate a incêndio. *Revista Emergência RS* [Internet]. Disponível em: <http://www.revistaemergencia.com.br/noticias/leia-na-edicao-do-mes/artigo-trata-da-importancia-dos-epis-nas-atividades-de-combate-a-incendio/AAjjA5y4/10313>.

- Funder, D.C., & Colvin, C.R. (1991). Explorations in behavioral consistency: properties of persons, situations, and behaviors. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60 (5), 773.
- Fung, I.W.H., Lo, T.Y., & Tung, K.C.F. (2012). Towards a better reliability of risk assessment: development of a qualitative & quantitative risk evaluation model (Q2REM) for different trades of construction works in Hong Kong. *Accidents Analysis Prevention*, 48, 167-184. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.aap.2011.05.011>.
- Furby, L., & Beyth-Marom, R. (1992). Risk taking in adolescence: A decision-making perspective. *Developmental Review*, 12, 1-44.
- Furr, R., & Funder, D. (2004). Situational similarity and behavioral consistency: subjective, objective, variable-centered, and person-centered approaches. *Journal of Research Personality* 38, 421-447. Doi:10.1016/j.jrp.2003.10.001.
- Fyhri, A., & Grøndahl, A. (2012). Personality and risk perception in transport. *Journal Impact History*, 49, 470-5. Doi: 10.1016/j.aap.2012.03.017
- Galvan, A., Hare, Todd A., Parra, C.E., Penn, J., Voss, H., Glover, G., Casey, B.J (2006). Earlier development of the accumbens relative to orbitofrontal cortex might underlie risk-taking behavior in adolescents. *Journal of Neuroscience*, 26 (25), 6885-6892. Doi: <https://doi.org/10.1523/JNEUROSCI.1062-06.200>.
- Garcia, L.F. (2006). Teorias psicométricas da personalidade. In C. E. Flores-Mendoza & R. Colom (Orgs.), *Introdução à psicologia das diferenças individuais* (pp. 219-242). Porto Alegre: Artmed.
- Geurin, L.J., & Geurin, T.F. (1994). Constraints to the adoption of innovations in agricultural research and environmental management: A review. *Australian Journal of Experimental Agriculture*, 34, 549-71.
- Girodo, M. (2007). Personality and cognitive processes in life and death decision making: An exploration into the source of judgment errors by police special squads. *International Journal of Psychology*, 42 (6), 418-426.
- Glanz, K., Rimer, B. K., & Lewis, F. M. (Eds.). (2002). *Health behavior and health education* (3rd ed.). San Francisco: Jossey-Bass.
- Gomà-i-Freixanet, M., & Wismeijer, A. (2002). Applying personality theory to a group of police bodyguards: A physically risky prosocial prototype? *Psicothema*, 14 (2), 387-392.
- Gray, J.A. (1982). *The neuropsychology of anxiety*. Oxford, England: Oxford University Press.
- Green, L., & Myerson, J. (2004). A Discounting Framework for Choice with delayed and probabilistic reward. *Psychological Bulletin*, 130, 769-792.
- Griffin, M.A., & Neal, A. (2000). Perceptions of safety at work: A framework for linking safety climate to safety performance, knowledge, and motivation. *Journal of Occupational Health Psychology*, 5 (3), 347-358.

- Gross, J.J., Sutton, S.K. & Ketelaar, T. (1998). Affective-reactivity views. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 24, 279-288.
- Guerra, N. (2002). *Da rua ao hospital: As discontinuidades do sistema integrado de emergência médica*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Guivant, J.S. (1998). A trajetória das análises de risco: Da periferia ao centro da teoria social. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, 46, 3-38.
- Haines, V., Hitchcock, D., Osman, Z., Way, H., Craven, M., Drive, B., & Hussey, M. (2004). *Recidivist risk takers who work at height*. (Loughborough University, Ergonomics Ltd and Aston Business School). Norwich: Health and Safety Executive.
- Hanoch, Y., Johnson, J. G., & Wilke, A. (2006). Domain-specificity in experimental measures and participant recruitment: An application to risk-taking behavior. *Psychological Science*, 17, 300-304.
- Hansenne, M. (2004). *Psicologia da Personalidade*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Hare, R.D. (1965). Acquisition and generalization of a conditioned fear response in psychopathic and nonpsychopathic criminals. *Journal of Abnormal Psychology*, 59, 367-370.
- Hare, R.D. (1978). Electrodermal and cardiovascular correlates of psychopathy. In R. D. Hare & D. Schalling (Eds.), *Psychopathic behavior: Approaches to research*, (pp. 107-143). New York: Wiley.
- Hedeker, D., Demirtas, H., & Mermelstein, R.J. (2009). A mixed ordinal location scale model for analysis of ecological momentary assessment (EMA) data. *Statistics and Its Interface*, 2(4), 391-402.
- Heller, D., Komar, J., & Lee, W.B. (2007). The dynamics of personality states, goals, and well-being. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 33 (6), 898-910. Doi: <http://dx.doi.org/10.1177/0146167207301010>.
- Heller, D., Watson, D., Komar, J., Min, J.A., & Perunovic, W.Q.E. (2007). Contextualized personality: Traditional and new assessment procedures. *Journal of Personality*, 75 (6), 1229-1254. Doi: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-6494.2007.00474.x>.
- Henning, J.B., Stufft, C.J., Payne, S.C., Bergman, M.E., Mannan, M.S., & Keren, N. (2009). The influence of individual differences on organizational safety attitudes. *Safety Science*, 47, 337-345.
- Highhouse, S., & Yiice, P. (1996). *Perspectives, perceptions and risk-taking behaviour*. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 65 (2), 159-67.
- Hill, E. M., Ross, L.T., & Low, B. (1997). The role of future unpredictability in human risk-taking. *Human Nature*, 8, 287-325.
- Hill, E. M., Jenkins, J., & Farmer, L. (2008). Family unpredictability, future discounting, and risk taking. *The Journal of Socio-Economics*, 37, 1381-1396.

- Hofmann, D., & Morgeson, F. (1999). Safety-related behavior as a social exchange: The role of perceived organizational support and leader-member exchange. *Journal of Applied Psychology, 84* (2), 286-296.
- Hogan, R., Johnson, J., & Briggs, S. (1997). *Handbook of personality psychology*. San Diego, CA: Academic Press.
- Hogan, J., Barrett, P., & Hogan, R. (2007). Personality measurement, faking, and employment selection. *Journal of Applied Psychology, 92*, 1270-1285.
- Hogan, J., & Foster, J., (2013). Multifaceted personality predictors of workplace safety performance: more than conscientiousness. *Human Performance, 26* (1), 20-43.
- Homant, R., Kennedy, D. & Howton, J. (1994). Risk taking and police pursuit. *The Journal of Social Psychology, 134* (2), 213-221.
- Horvath, P., & Zuckerman, M. (1993). Sensation seeking, risk appraisal, and risky behavior. *Personality and Individual Differences, 14*, 41-52.
- Hunter, D.R. (2002). *Risk perception and risk tolerance in aircraft pilots*. Federal Aviation Administration Report No. PB2003100818.
- Hutz, C.S., Nunes, C.H., Silveira, A.D., Serra, J., & Anton, M. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 11*, 395-409.
- Irwin, C.E., Jr. (1993). Adolescence and risk taking: How are they related? In N. J. Bell & R. W. Bell (Eds.), *Adolescent risk taking* (pp.7-28). Newbury Park, CA, US: Sage Publications
- ISO (International Organization for Standardization). (2009). ISO 31000:2009 - *Risk management: Principles and guidelines*. Sydney: Standards, Australia.
- Ji, M., You, X., Lan, J., & Yang, S. (2011). The impact of risk tolerance, risk perception and hazardous attitude on safety operation among airline pilots in China. *Safety Science, 49*, 1412-1420. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ssci.2011.06.007>.
- Joanes, E. (2010). *Caraterização e factores que influenciam o desempenho dos bombeiros profissionais: Estudo exploratório*. Unpublished master dissertation, Escola Superior de Altos Estudos, Coimbra.
- John, O. P., Naumann, L. P., & Soto, C. J. (2008). Paradigm shift to the integrative Big Five trait taxonomy. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality theory and research*, 3, 114-158. New York: Guilford.
- John, R., W. Robins., & L.A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (3rd ed., pp. 159-181). New York: Guilford.
- Johnston, J.D., Eggett, D., Johnson, M.J., & Reading, J.C. (2014). The influence of risk perception on biosafety level-2 laboratory workers' hand-to-face contact behaviors. *Journal Occupational Environmental Hygiene. 11* (9), 625-632.

- Jonah, B.A. (1997). Sensation seeking and risky driving: A review and synthesis of the literature. *Accident Analysis and Prevention*, 29, 651-665.
- Jordan, C.H., & Zeigler-Hill, V. (2013). Fragile self-esteem: The perils and pitfalls of (some) high self-esteem. In V. Zeigler-Hill (Ed.), *Self-esteem* (pp.80-98). London, England: Psychology Press.
- Judge, T.A., Helle, D., & Mount, M.K. (2002). Five-factor model of personality and job satisfaction: a meta-analysis. *Journal Applied Psychology*, 87, 530-541. Doi:10.1037/0021-9010.87.3.530.
- Kelly, G.A. (1963). *A theory of personality: The psychology of personal constructs*. Oxford, UK: Norton.
- Kernis, M. H., Cornell, D. P., Sun, C., Berry, A., & Harlow, T. (1993). There's more to self-esteem than whether it is high or low: The importance of stability of self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65, 1190-1204.
- Kiremit, H. Ö., & Gökler, İ. (2010). Comparison of preservice science teachers' self-efficacy beliefs in teaching biology. *Pamukkale University Journal of Education*, 27, 41-54
- Klen, T. (1986). Riskinotto taimik onhoitotyön tapaturmissa ja lähestapaturmissa [Risk taking in accidents and nearly accidents in the tending of young growth]. *Teho*, 10, 26-27.
- Kluemper, D. H., Little, L. M., & DeGroot, T. (2009). State or trait: effects of state optimism on job-related outcomes. *Journal of Organizational Behavior*, 30, 209-231.
- Koh, H.C. (1996). Testing hypotheses of entrepreneurial characteristics: a study of Hong Kong MBA students. *Journal of Managerial Psychology*, 11 (3), 12-25.
- Kouabenan, D.R., Ngueutsa, R., & Mbaye, S. (2015). Safety climate, perceived risk, and involvement in safety management. *Safety Science*. 77, 72-79. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ssci.2015.03.009>.
- Kraus, J.F. (1987). Homicide while at work: Persons, industries, and occupations at high risk. *American Journal of Police*, 77, 1285-1289
- Krypel, M. N., & Henderson-King, D. (2010). *Stress, coping styles, and optimism: are they related to meaning of education in student's lives?* *Social Psychology of Education*, 13, 409-424. Doi: 10.1007/s11218-010-9132-0.
- Krogmann, U., Gibson, V., & Chess, C. (2001). Land application of sewage sludge: perceptions of New Jersey vegetable farmers. *Waste Management & Research* 19 (2), 115-125.
- Kunadharaju, K., Smith, T.D., & DeJoy, D. M. (2011). Line-of-duty deaths among U.S. firefighters: An analysis of fatality investigations. *Accident Analysis and Prevention*, 43 (3), 1171-1180.
- Kuppens, P., Van Mechelen, I., Nezlek, J.B., Dossche, D., & Timmermans, T. (2007). Individual differences in core affect variability and their relationship to psychological adjustment. *Emotion*, 7, 262-274.

- Larsen, R.J., & Buss, D.M. (2010). *Personality psychology* (4th ed.). New York: McGraw Hill.
- Lee, K., & Ashton, M.C. (2008). The HEXACO personality factors in the indigenous personality lexicons of English and 11 other languages. *Journal of Personality*, 76, 1001-1053.
- Lehtiranta, L. (2014). Risk perceptions and approaches in multi-organizations: a research review 2000-2012. *Int. Journal Project Management* 32, 640-653. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijproman.2013.09.002>.
- LeRoy, Z.P. (2005). *Personality trait and cognitive ability correlates of unsafe behaviours* (T). Retrieved from <https://open.library.ubc.ca/cIRcle/collections/831/items/1.0092122>.
- Levenson, M.R. (1990). Risk taking and personality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58 (6), 1073-1080.
- Levinson, D.J. (1986). A conception of adult development. *American Psychologist*, 41 (1), 3-13.
- Lima, M. L. (2005). Percepção de riscos ambientais. In Luís Soczka (Org.), *Contextos humanos e psicologia ambiental* (pp.203-245). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lowrance, W.W. (1976). *Of acceptable risk: science and the determination of safety*. Los Altos, CA: William Kaufman.
- Lu, S., & Yan, H. (2013). A comparative study of the measurements of perceived risk among contractors in China. *Int. Journal Project. Management.* 31, 307-312. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijproman.2012.06.001>.
- Luszczynska, A., Gutiérrez-Doña, B., & Schwarzer, R. (2005). General self-efficacy in various domains of human functioning: Evidence from five countries. *International Journal of Psychology*, 40, 80-89.
- Luthans, F., Luthans, K.W., & Luthans, B.C. (2004). Positive psychological capital: beyond human and social capital. *Business Horizons* 47 (1), 45-50.
- Luthans, F., Avolio, B.J., Avey J.B., & Norman, S.M. (2007). *Positive psychological capital: measurement and relationship with performance and satisfaction*. *Personality and Social Psychology*. 60, 541-72.
- Luthans, F., Youssef, C.M., & Avolio, B.J. (2007b). Psychological capital: developing the human competitive edge. *J. Asian Economics*. 8 (2), 315-332.
- Luyten, P., & Blatt, S.J. (2013). Interpersonal relatedness and self-definition in normal and disrupted personality development: Retrospect and prospect. *American Psychologist*, 68 (3), 172-183. Doi: <http://dx.doi.org/10.1037/a0032243>.
- MaCintyre, T., [et al.]. (1997). Hábitos de saúde e comportamentos de risco na adolescência: implicação para a prevenção. *Teoria, Investigação e Prática*, 2, 219-233.

- Magaletta, P.R., & Oliver J. (1999). The hope construct, will, and ways: Their relations with self-efficacy, optimism, and general well-being. *Journal of Clinical Psychology*, 55: 539-551. PMID: 10392785.
- Malloy-Diniz, L. (2010). Tradução e adaptação cultural da Barratt Impulsiveness Scale (BIS-11) para aplicação em adultos brasileiros. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 59 (2), 99-105.
- March, J.G., & Shapira, Z. (1992). Variable risk preferences and the focus of attention. *Psychological Review*, 99, 172-183.
- Mateus, B.A. (2007). *Emergência Médica Pré-hospitalar: Que realidade*. Loures: Lusociência, Edições Técnicas e Científicas, Lda.
- Mayer, J.D. (2007). Asserting the definition of personality. *The Online Newsletter for Personality Science*, 1 (1).
- McAdams, D.P., & Olson, B. D. (2010). Personality development: Continuity and change over the life course. *Annual Review of Psychology*, 61, 517-542. Doi: <http://dx.doi.org/10.1146/annurev.psych.093008.100507>.
- McAdams, D. P., & Pals, J. L. (2006). A new big five: Fundamental principles for an integrative science of personality. *American Psychologist*, 61 (3), 204-217. <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.61.3.204>.
- McCrae, R.R., & Costa, P.T.Jr. (1995). Trait explanations in personality psychology. *European Journal of Personality*, 9, 231-252. Doi: <http://dx.doi.org/10.1002/per.2410090402>.
- McCrae, R. R., & Costa, P.T.Jr., (2008). The five-factor theory of personality. In O. P.
- McCrae, R.R. & Costa, P.T. (1980). Influence of extraversion and neuroticism on subjective well-being: Happy and unhappy people. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, 668-678. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7381680>.
- McCrae R.R. & Costa P.T. (1997). Personality trait structure as a human universal. *American Psychologist*, 52 (5), 509-516.
- McReynolds, P., Altrocchi, J., & House, C. (2000). Self-pluralism: Assessment and relations to adjustment, life changes, and age. *Journal of Personality*, 68, 347-381. Doi: <http://dx.doi.org/10.1111/1467-6494.00100>.
- Mearns, K., & Flin, R. (1999). Assessing the state of organizational safety culture or climate? *Current Psychology: Developmental Learning Personality Social Spring*, 18 (1), 5-17.
- Mearns, K., Whitaker, S., & Flin, R. (2003). Safety climate, safety management practice and safety performance in offshore environments. *Safety Science*, 41, 641-680.
- Mearns, K., & Yule, S. (2009). The role of national culture in determining safety performance: challenges for the global oil and gas industry. *Safety Science*, 47 (6), 777-785. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ssci.2008.01.009>.

- Micic, T. (2016). Risk reality vs risk perception. *Journal Risk Res.* 19, 1261-1274. Doi:<http://dx.doi.org/10.1080/13669877.2015.1121900>.
- Mischel, W., & Shoda, Y. (2008). Towards a unified theory of personality: Integrating dispositions and processing dynamics within the cognitive-affective processing system. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of Personality psychology: Theory and research*, 3, 208-24. New York: Guilford.
- Mitani, S. (2008). Comparative Analysis of the Japanese Version of the Revised Impact of Event Scale: a study of firefighters. *Prehospital and Disaster Medicine*, 23 (3), 20-26.
- Montag, I., & A.L. Comrey. (1987). "Internality and Externality as Correlates of Involvement in Fatal Driving Accidents." *Journal of Applied Psychology*, 72, 339-343.
- Moore-Merrell, L., Zhou, A., McDonald-Valentine, S., Goldstein, R., & Slocum, C. (2008). Contributing Factors To Firefighter Line-Of-Duty Injury In Metropolitan Fire Departments in the United States. United States Fire Association.
- Mullen, J. (2005). Testing a model of employee willingness to raise safety issues. *Can. Jorunal. Behav. Sci.* 37 (4), 273-282.
- Musolino, R., & D. Hershenson. (1977). "A Vocational Sensation Seeking in High and Low Risk-Taking Occupations." *Journal of Vocational Behavior*, 10, 358-65.
- Neal, A., & Griffin, M.A. (2004). *Safety climate and safety at work*. In: Frone, M.R., Barling, J. (Eds.), *The Psychology of Workplace Safety*. American Psychological Association, Washington, DC. 15-34.
- Neal, A. & Griffin, M. A. (2006). A study of the lagged relationships among safety climate, safety motivation, safety behavior, and accidents at the individual and group levels. *Journal of Applied Psychology*, 91(4), 946-953.
- Oliveira, J.P. (2008). *Traços de personalidade de elementos das Forças de Segurança: um estudo comparativo na PSP de Lisboa*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Porto: F.P.C.E.U.P.
- O'Reilly, C.A., Chatman, J., & Caldwell, D.F. (1991). People and organizational culture: a profile comparison approach to assessing person-organization fit. *Acad. Manage. Journal*, 34, 487-516. Doi:10.2307/256404.
- Pannell, D.J. (1999). Social and economic challenges in the development of complex farming systems. *Agroforestry Systems* 45, 393-409.
- Paulhus, D.L., & Martin, C. L. (1988). Functional flexibility: A new conception of interpersonal flexibility. *Journal of Personality and Social Psychology*, 55, 88-101. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.55.1.88>.
- Pechorro, J. (2013). *Fatores críticos no socorro em acidentes rodoviários: o caso do distrito da Guarda*.

- Pek, S, Turner, N, Tucker, S, Kelloway, K., & Morrish, J.(2017). Injunctive safety norms, young worker risk-taking behaviors, and workplace injuries. *Accident Analysis & Prevention* 106, 202-210.
- Peretti-Watel, P. (2001). *La Société du Risque*. Paris: La Découverte.
- Pernefer, T., Smith, G.S. (1991). The driver's role in fatal two-car crashes: a paired "case-control" study. *Am J. Epidemiol.* 134 (10), 1138-1145.
- Pervin, L.A., & John, O.P. (2004). *Personalidade: teoria e pesquisa*. 8a ed. Porto Alegre: Artmed.
- Pidgeon, N., Turner, B., & Blockey, D. (1992). The use of grounded theory for conceptual analysis in knowledge elicitation. *Inter-national journal of man-machine studies*.
- Puchades, V, Fassina, F, Fraboni, F, Angelis, M, Prati, G, Waard, D & Pietrantonio, L. (2018). The Role Of Perceived Competence And Risk Perception In Cycling Near Misses, 105 (pp. 167-177). Doi: <https://doi.org/10.1016/j.ssci.2018.02.013>
- Pytlik Zillig, L.M., Hemenover, S.H., & Dienstbier, R.A. (2002). What do we assess when we assess a Big 5 trait? A content analysis of the affective, behavioral and cognitive processes represented in the Big 5 personality inventories. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28 (6), 847-858. Doi: <http://dx.doi.org/10.1177/0146167202289013>.
- Quay, H.C. (1965). Psychopathic personality as pathological stimulation seeking. *American Journal of Psychiatry*, 122, 180-183.
- Rasmussen, H.N., Scheier, M.F., & Greenhouse, J.B. (2009). Optimism and physical health a meta-analytic review, *Annals of Behavioral Medicine*, 37, 239-256.
- Rauch, W.A., Schweizer, K., & Moosbrugger, H. (2007). Method effects due to social desirability as a parsimonious explanation of the deviation from unidimensionality in LOT-R scores. *Personality and Individual Differences*, 42, 1597-1607.
- Read, S. J., Monroe, B.M., Brownstein, A.L., Yang, Y., Chopra, G., & Miller, L. C. (2010). A neural network model of the structure and dynamics of human Personality. *Psychological Review*, 117, 61-92.
- Regehr, C., & Millar, D. (2007). Situation critical: High demand, low control, and low support in paramedic organizations. *Traumatology*, 13 (1), 49-58. Doi: 10.1177/1534765607299912.
- Rego, A., Sousa, F., Marques, C., & Cunha, M.P.E. (2012). Authentic leadership promoting employees' psychological capital and creativity. *Journal Business Research*, 65 (3), 429-437.
- Rescher, N. (1983). *Risk: A Philosophical Introduction to the Theory of Risk Evaluation and Management*. Lanham, New York.

- Rippl, Susanne. (2002). Cultural theory and risk perception: a proposal for a better measurement, *Journal of Risk Research*, 5 (2), 147-165, Doi: 10.1080/13669870110042598.
- Roberts, B.W., & Mroczek, D. (2008). Personality trait change in adulthood. *Current Directions in Psychological Science*, 17 (1), 31-35. Doi: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-8721.2008.00543.x>.
- Rosenbloom, T. (2003). *Sensation seeking and risk taking in mortality salience*. *Personality and Individual Differences*, 35, 1809-1819.
- Rosenstock, I.M. (1974). *Historical origins of the health belief model*. *Health Education Behaviour*, 2, 328-335.
- Ross, L.T., & Hill, E.M. (2002). *Childhood unpredictability, schemas for future unpredictability, and risk taking*. *Social Behavior and Personality*, 30 (pp. 453-474).
- Rothbart, M.K. (2007). Temperament, development, and personality. *Current Directions in Psychological Science*, 16 (4), 207-212. Doi: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-8721.2007.00505.x>.
- Rundmo, T., & Hale, A.R. (2003). Managers' attitudes toward safety and accident prevention. *Safety Science*, 41, 557-574.
- Rundmo, T., & Iversen, H. (2004). Risk perception and driving behaviour among adolescents in two Norwegian counties before and after a traffic safety campaign. *Safety Science*, 42, 1-21.
- Salminen, S., Klen, T., & Ojanen, K. (1999). Risk taking and accident frequency among Finnish forestry workers. *Safety Science*, 33 (3), 143-153.
- Scheier, M.F., & Carver, C.S. (1992). *Effects of optimism on psychological and physical well-being: Theoretical overview and empirical update*. *Cognitive Therapy and Research*, 16, 201-228.
- Senemoğlu, N. (2000). *Gelişim, öğrenme ve öğretim*. Ankara: Gazi.
- Seligman, M.E., & Schulman, P. (1986). Explanatory style as a predictor of productivity and quitting among life insurance sales agents. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 832-838.
- Sisto, F.F., Bueno, J.M.H., & Rueda, F.J.M. (2003). Traços de personalidade na infância e distorção e integração de formas: Um estudo de validade. *Estudos de Psicologia*, 8 (1), 77-84.
- Sisto, F.F., Oliveira, S., Oliveira, K.L., Bartholomeu, D., Oliveira, J.C.S., & Costa, O.R.S. (2004). *Escala de traços de personalidade para crianças e aceitação social entre pares*. *Interação*, 8, (pp.15-24).
- Sjöberg, L., & Drotz-Sjöberg, B. (1994). *Radiation and Society: Comprehending radiation risk*.

- Skinner, B.F. (1967). *Ciência e Comportamento Humano*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- Skolnic, J.H. (1966). *Justice without trial: Law enforcement in a democratic society*. New York: Wiley.
- Slovic, P., Fischhoff B., & Lichtenstein S. (1982). Facts versus fears: understanding perceived risk. In: Kahneman, D, Slovic P, Tversky A, editors. *Judgment under uncertainty: heuristics and biases*. Cambridge: *Cambridge University Press*, 463-89.
- Slovic, P. (2000). *The perception of Risk*. London: Earthscan.
- Slovic, P., Finucane, L.M., Peters, E., & MacGregor, D.G. (2004). Risk as analysis and risk as feelings: some thoughts about affect, reason, risk, and rationality. *Risk Anal*, 24, 311-322. Doi: <http://dx.doi.org/10.1111/j.0272-4332.2004.00433.x>.
- Starr, C. (1969). Social benefit versus technological risk. *Science*, 165, 1232-1238.
- Stevenson, M., Palamara, P., P., Morrison D. (2001). Behavioral factors as predictors of motor vehicle crashes in young drivers. *Journal Crash Prev. Inj. Control* 2 (4), 247-254.
- Suh, E.M. (2002). Culture, identity consistency, and subjective well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83 (6), 1378. Doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.83.6.1378>.
- Surry, J. (1969). *Industrial accident research: A human engineering appraisal*. Toronto: University of Department of Industrial Engineering, Toronto.
- Sweeny, K., Carroll, P.J., & Shepperd, J.A. (2006). *Is optimism always best?* *Current Directions in Psychological Science*, 15 (pp. 302-306).
- Szubert, Z. & Sobala, W. (2002). Work-Related Injuries Among Firefighters: Sites and Circumstances of their Occurrence. *International Journal of Occupational Medicine and Environmental Health*, 15, 1, 49-55.
- Targoutzidis, A., & Antonopoulou, L. (2009). A multidimensional approach to modelling for workplace risk assessment. *Int. Journal Occupational. Safety Ergonomics Jose* 15, 373-384. Doi: <http://dx.doi.org/10.1080/10803548.2009.11076817>.
- Taylor, W.D. & Snyder, L.A. (2017). The influence of risk perception on safety: A laboratory study. *Safety Science*, 95, 116-124.
- Tett, R.P., Jackson, D.N., & Rothstein, M. (1991). Personality measures as predictors of job performance: A meta-analytic review. *Personnel Psychology*, 44 (4), 703-742.
- Thomas, A.S., & Mueller, S.L. (2000). A case for comparative entrepreneurship: assessing the relevance of culture. *Journal of International Business Studies*, 31, 287-301.
- Torges, C.M., Stewart, A.J., & Duncan, L.E. (2008). Achieving ego integrity: Personality development in late midlife. *Journal of Research in Personality*, 42 (4), 1004-1019. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jrp.2008.02.006>.

- Trentini, C.M., Hutz, C.S., Bandeira, D.R., Teixeira, M.A.P., Gonçalves, M.T.A., & Thomazoni, A.R. (2009). *Correlações entre a EFN - Escala Fatorial de Neuroticismo e o IFP - Inventário Fatorial de Personalidade*. *Avaliação Psicológica*, 8 (2) (pp. 209-217).
- Turner, C., McClure, R., & Pirozzo, S. (2012). Injury and risk-taking behavior .A systematic review. *Accident Analysis and Prevention journal*,2, 93-101.
- Ulleberg, P., & Rundmo, T. (2003). Personality, attitudes and risk perception as predictors of risky driving behaviour among young drivers. *Safety Science*, 41(5), 427-443.
- United States Fire Administration (2009). *Firefighter Fatalities in the United States in 2008*. United States Fire Administration, Federal Emergency Management, Agency, Emmitsburg, MD.
- United States Fire Administration (2009). *Firefighter Fatalities in the United States in 2008*. United States Fire Administration, Federal Emergency Management, Agency, Emmitsburg, MD.
- United States Fire Administration. (2014). *Firefighter Fatalities in the United States in 2008*. United States Fire Administration, Federal Emergency Management, Agency, Emmitsburg, MD.
- Utsch, A., & Rauch, A. (2000). Innovativeness and initiative as mediators between achievement orientation and venture performance. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 9 (1), 45-62.
- Van Heck, G.L., Perugini, M., Caprara, G.V., & Fröger, J. (1994). The Big Five as tendencies in situations. *Personality and Individual Differences*, 6 (5), 715-731.
- Van Zyl, C.J.J & de Bruin, G.P. (2018). *Predicting counterproductive work behavior with narrow personality traits: A nuanced examination using quantile regression*, 131, 45-50. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.04.014>.
- Vautier, S., Raufaste, E., & Cariou, M. (2003). Dimensionality of the Revised Life Orientation Test and the status of filler items. *International Journal of Psychology*, 38, 390-400.
- Walton, S., Conrad, K., Furner, S., & Samo, D. (2003). Cause, Type, and Workers' Compensation Costs of Injury to Fire Fighters. *American Journal of Industrial Medicine*, 43, 454-458.
- Wang, D., Wang, Xueqing., & Xia, N. (2018). How safety-related stress affects workers' safety behavior: The moderating role of psychological capital. *Safety Science*, 103, 247-259. Doi: 10.1016/j.ssci.2017.11.020.
- Wang, L., & Grimm, K.J. (2012). *Investigating reliabilities of intraindividual variability indicators*. *Multivariate Behavior Research*, 47, (pp. 1-31.)
- Wang, J., & Yuan, H. (2011). Factors affecting contractors' risk attitudes in construction projects: case study from China. *Int. Journal Proj. Manage*, 29, 209-219. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijproman.2010.02.006>.

- Wang, J., Zou, P.X.W., & Li, P.P. (2016). Critical factors and paths influencing construction workers' safety risk tolerances. *Accid. Anal. Prev.* 93, 267-279. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.aap.2015.11.027.7>.
- Watson, D., & Tellegen, A. (1985). Toward a consensual structure of mood. *Psychological Bulletin*, 98, 219-235.
- Weinstein, N.D. (1980). Unrealistic optimism about future life events. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39 (5), 806-820.
- Windham, R. (2005). *A Baseline Measurement of The Woodlands Fire Department's Safety Culture*. Retirado de: <http://www.usfa.dhs.gov/pdf/efop/efo38332.pdf>.
- WHO (2002). *Active ageing: a policy framework*. Geneva: World Health Organization.
- Workcover NSW. (2001). *Safely Building New South Wales*. Sydney, WorkCover NSW
- Wrzus, C., & Mehl, M. (2015). Lab and/or field? Measuring personality processes and their social consequences. *European Journal of Personality*, 29, 250-271.
- Wundt, W. (1897). *Outlines of psychology* (C.H. Judd Trans.). Leipzig, Germany: Wilhelm Englemann.
- Zaleski, Z. (1984). *Personality and Individual Differences*, 5, 607-608.
- Zalewski, E. (2005). Reduce injuries with proper technique. *Occupational Health Safety*, 74 (10), 52-5.
- Zohar, D., & Luria, G. (2005). A multi-level model of safety climate: Cross-level relationships between organization and group-level climates. *Journal of Applied Psychology*, 90, 616-628.
- Zohar, D. (1980). Safety Climate in Industrial Organizations: Theoretical and Applied Implications. *Journal of Applied Psychology*, 65 (1), 96-102.
- Zohar, D. (2011). Safety climate: conceptual and measurement issues. In J. Quick, & L. Tetrick (Eds.), *Handbook of organizational health psychology* (pp. 141-164). Washington, D.C.: American Psychological Association.
- Zuckerman, M. (1979). Sensation seeking and risk taking. In C. E. Izard (Ed.), *Emotions in personality and psychopathology* (pp. 163-197). New York: Plenum
- Zuckerman, M., Buchsbaum, M.S., & Murphy, D.L. (1980). Sensation seeking and its biological correlates. *Psychological Bulletin*, 88, 187-214.
- Zuckerman, M., & Glicksohn, J. (2016). Hans Eysenck's personality model and the constructs of sensation seeking and impulsivity. *International Society for the Study of Individual Differences*, 103, 48-52. Doi: 10.1016/j.paid.2016.04.003.
- Zuckerman, M., & Kuhlman, M. (2000). Personality and risk taking: Common biosocial factors. *Journal of Personality*, 68, 999-1029.

- Zuckerman, M., & Neeb, M. (1980). Demographic influences in sensation seeking and expressions of sensation seeking in religion, smoking and driving habits. *Personality and Individual Differences*, 1(3), 197-206. Doi:10.1016/0191-8869(80)90051-3
- Zuckerman, M. (1983). Sensation seeking: A biosocial dimension of personality. In A. Gale, & J. Edwards (Eds.), *Physiological correlates of human behavior: Individual differences* (pp. 9-115). New York: Academic Press.
- Zuckerman, M. (1984). Sensation seeking: A comparative approach to a human trait. *Behavioral and Brain Sciences*, 7(3), 413-471. Doi: <http://dx.doi.org/10.1017/S0140525X00018938>.
- Zuckerman, M. (1990). The psychophysiology of sensation seeking. *Journal of Personality*, 58, 313-341.
- Zuckerman, M. (2007). *Sensation seeking and risky behavior*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Zuckerman, M. (2008). Personality and sensation seeking. In G. J. Boyle, G. Matthews & D. H. Saklofske (Eds.), *The SAGE handbook of personality theory and assessment: Personality theories and models* (pp.379-398). Los Angeles: SAGE.

Glossário:

SAFEOPEDIA, disponível em: <https://www.safeopedia.com/definition/64/first-responder>.

Glossário/ANPC, 2012, disponível em: https://protecaocivil.files.wordpress.com/2011/01/glossario-31_mar_09.pdf.

International Association of Firefighters, disponível em: www.iaff.org.

National Institute for Occupational Safety and Health (NIOSH) www.cdc.gov/NIOSH.

The Stress Continuum http://www.uscg.mil/worklife/docs/pdf/stress_continuum.pdf.

Legislação:

Portaria nº 241/2007, de 21 de Junho, Diário da República, 1ª Série, Nº 118. Define o regime jurídico aplicável aos bombeiros portugueses no território continental.

Decreto-Lei nº 247/2007, de 27 de Junho de 2007, Diário da República, 1ª Série, Nº 122. Define o regime jurídico aplicável à constituição, organização, funcionamento e extinção dos corpos de bombeiros, no território continental.

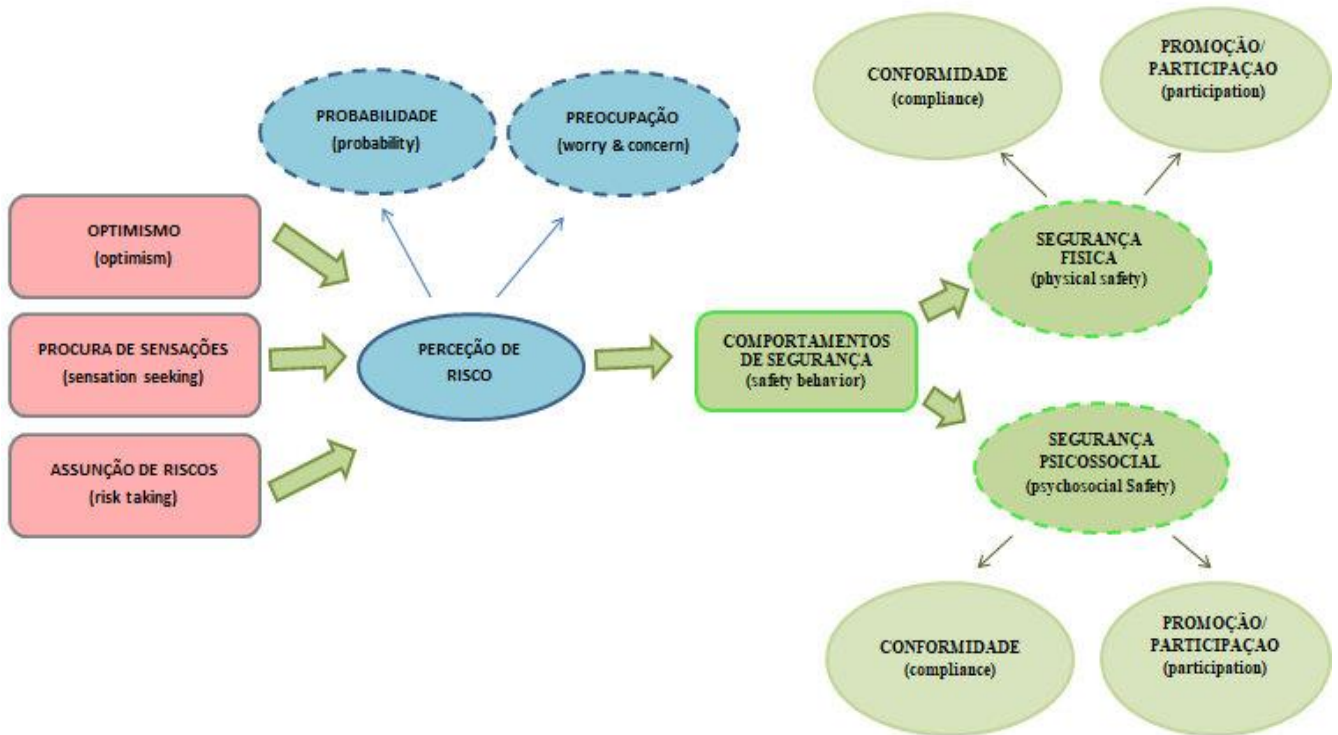
6. ANEXOS

Anexo 1: Modelo de análise de relação entre as variáveis em estudo – Estudo Empírico

Anexo 2: Análise das correlações entre as variáveis de personalidade, percepção de risco e comportamentos de segurança – Estudo Empírico

Anexo 3: Questionário utilizado na recolha de dados – Estudo Empírico

Anexo 1 - Modelo de análise de relação entre as variáveis em estudo - Estudo Empírico



Anexo 2: Análise das correlações entre as variáveis de personalidade, percepção de risco e comportamentos de segurança – Estudo Empírico

		Média do CS	Média glob do CSF	Média global do CSP	Média da PercRisco – Preoc e Receio	Média da AssRis	Média da PS	Média Otim
	Pearson Correlation		,918**	,933**	-,003	,052	,109	,219**
Média do CS	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,957	,426	,095	,001
	N		238	238	238	238	237	237
Mglob do CSF	Pearson Correlation	,918**		,714**	,011	,035	,100	,240**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000	,862	,589	,124	,000
	N	238		238	238	238	237	237
Mglob do CSP	Pearson Correlation	,933**	,714**	1	-,016	,062	,104	,166*
	Sig. (2-tailed)	,000	,000		,812	,341	,111	,010
	N	238	238	238	238	238	237	237
Média da PercRisco – Preoc e Receio	Pearson Correlation	-,003	,011	-,016	1	-,116	-,136*	-,011
	Sig. (2-tailed)	,957	,862	,812		,073	,036	,866
	N	238	238	238	238	238	237	237
Média da AssRis	Pearson Correlation	,052	,035	,062	-,116	1	,725**	,266**
	Sig. (2-tailed)	,426	,589	,341	,073		,000	,000
	N	238	238	238	238	238	237	237
Média da PS	Pearson Correlation	,109	,100	,104	-,136*	,725**		,414**
	Sig. (2-tailed)	,095	,124	,111	,036	,000		,000
	N	237	237	237	237	237		237
Média Otim	Pearson Correlation	,219**	,240**	,166*	-,011	,266**	,414**	1
	Sig. (2-tailed)	,001	,000	,010	,866	,000	,000	
	N	237	237	237	237	237	237	237

Nota:*. Correlação é significativa ao nível 0,05.

**. Correlação é significativa ao nível 0,01

Nota: CS = Comportamentos de Segurança; Mglob do CSF = Média global do Comportamento de Segurança Física; Mglob do CSP = Média global do Comportamento de Segurança Psicológica; PercRisco - Preoc e Receio = Percepção de Risco - Preocupação e Receio; AssRis = Assunção de Riscos; PS = Procura de Sensações; Otim = Otimismo

Anexo 3: Questionário – Estudo Empírico



Questionário

OBJETIVO

Este questionário tem como objetivo analisar as atitudes de segurança e perceção de risco.

O questionário é anónimo e confidencial. Não há respostas certas ou erradas, apenas nos interessa a sua opinião. Estimamos cerca de 15 minutos para a sua realização.

Obrigada pela sua colaboração.

GRUPO A

A3. *COMPORTEMENTOS DE SEGURANÇA*

Leia cada afirmação e selecione a sua resposta numa escala crescente de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente):

	DISCORDO TOTALMENTE					CONCORDO				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
1. Eu cumpro todas as normas de segurança e uso todos os equipamentos de segurança necessários para minimizar o desgaste físico no meu trabalho.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
2. Eu ponho em prática todos os procedimentos e adoto todas as regras de segurança física quando faço o meu trabalho.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
3. Eu garanto os mais elevados padrões de segurança física quando realizo o meu trabalho	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4. Eu promovo o programa de segurança física na minha instituição.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5. Eu faço um esforço suplementar para melhorar a segurança física na instituição onde trabalho.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
6. Eu realizo voluntariamente tarefas e atividades que ajudam a melhorar a segurança física no meu local de trabalho.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
7. Eu tomo medidas para prevenir ou minimizar as tensões psicológicas no meu trabalho	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
8. Eu sigo os regulamentos e ponho em prática os protocolos de segurança psicológica quando realizo o meu trabalho	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
9. Eu cumpro os mais elevados padrões de segurança psicológica quando realizo o meu trabalho	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
10. Eu promovo o programa de segurança psicológica na minha instituição	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
11. Eu faço um esforço suplementar para melhorar a segurança psicológica na instituição onde trabalho.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
12. Eu realizo voluntariamente tarefas e atividades que ajudam a melhorar a segurança psicológica no meu local de trabalho.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

GRUPO B

B2. PERCEÇÃO DE RISCO

Leia cada afirmação e selecione a sua resposta numa escala crescente de 1 (nada) a 7 (muito):

	NADA							MUITO
1. Em que medida está preocupado(a) com a probabilidade de ficar ferido num acidente	1	2	3	4	5	6	7	
2. Fico agoniado(a) quando penso em acidentes	1	2	3	4	5	6	7	
3. Fico preocupado(a), quando há muitos acidentes no trabalho	1	2	3	4	5	6	7	
4. Quando leio sobre acidentes de trabalho, isso afeta as minhas escolhas quanto aos procedimentos de trabalho	1	2	3	4	5	6	7	
5. Penso muito sobre acontecimentos imprevistos que podem ocorrer quando utilizo procedimentos de trabalho diferentes	1	2	3	4	5	6	7	

B3. ASSUNÇÃO DE RISCOS

Leia cada afirmação e selecione a sua resposta numa escala crescente de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente):

	DISCORDO TOTALMENTE							CONCORDO TOTALMENTE
1. Sempre me interessei por atividades perigosas e arriscadas.	1	2	3	4	5	6	7	
2. Ocasionalmente, já fiz coisas perigosas só pela excitação de as fazer	1	2	3	4	5	6	7	
3. Aqueles que me conhecem diriam que eu corro imensos riscos	1	2	3	4	5	6	7	
4. Atrai-me muito fazer paraquedismo	1	2	3	4	5	6	7	
5. Gosto de correr riscos quando estou a trabalhar	1	2	3	4	5	6	7	
6. Já fiz coisas no passado que outras pessoas me disseram serem arriscadas	1	2	3	4	5	6	7	
7. Gosto de “passar logo à ação”, em vez de planear as minhas atividades cuidadosamente	1	2	3	4	5	6	7	
8. De vez em quando, gosto de quebrar as regras e fazer coisas que me podem meter em sarilhos	1	2	3	4	5	6	7	
9. Quando andava na escola, sentia-me atraído(a) pelos colegas mais rebeldes	1	2	3	4	5	6	7	
10. Faço sempre as coisas espontaneamente sem pensar nelas primeiro	1	2	3	4	5	6	7	
11. Sou mais cauteloso(a) do que a maior parte das pessoas	1	2	3	4	5	6	7	
12. Tive muito poucos acidentes na minha vida	1	2	3	4	5	6	7	

GRUPO C

Leia cada afirmação e selecione a sua resposta numa escala crescente de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente):

C5. PROCURA DE SENSações

	DISCORDO TOTALMENTE					CONCORDO TOTALMENTE				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
1. Gostaria de explorar lugares estranhos/exóticos	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
2. Fico irrequieto quando passo demasiado tempo em casa	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
3. Gosto de fazer coisas assustadoras	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4. Gosto de festas loucas	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5. Gostaria de partir numa viagem sem rotas ou horários pré-estabelecidos	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
6. Prefiro ter amigos que são excitantes e imprevisíveis	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
7. Gostava de tentar fazer <i>bungee jumping</i> (salto elástico)	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
8. Adorava ter experiências novas e excitantes, mesmo que sejam ilegais	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

C6. OTIMISMO

	DISCORDO TOTALMENTE					CONCORDO TOTALMENTE				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
1. Em tempos de incerteza, normalmente espero que aconteça o melhor	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
2. É fácil, para mim, relaxar/descontrair-me	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
3. Se alguma coisa me puder correr mal, vai mesmo correr mal	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4. Estou sempre otimista em relação ao meu futuro	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5. Gosto muito de estar com os meus amigos	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
6. É importante para mim manter-me ocupado(a)	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
7. Raramente espero que as coisas corram a meu favor	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
8. Fico chateado(a) com muita facilidade	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
9. Raramente espero que me aconteçam coisas boas	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
10. De forma geral, espero que me aconteçam mais coisas boas do que más	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

DADOS BIOGRÁFICOS

Género

- Feminino
- Masculino

Idade: _____

Nacionalidade: _____

Naturalidade

- Minho, Douro e Trás-os-Montes
- Área Metropolitana do Porto
- Beiras, Estremadura e Ribatejo
- Área Metropolitana de Lisboa
- Alentejo e Algarve
- Ilhas (Madeira e Açores)
- Não se aplica

Habilitações Literárias

- Ensino básico (até ao 9º ano)
- Ensino Secundário (até ao 12º ano)
- Ensino Superior (Licenciatura, Mestrado, Doutoramento)

Área de Formação

- Ciências da vida e da saúde
- Ciências exatas e da engenharia
- Ciências naturais e do ambiente
- Ciências sociais e humanidades

Estado Civil

- Solteiro(a)
- Casado(a)/União de Facto
- Divorciado(a)/Viúvo(a)

Situação Profissional

- Trabalhador por conta de outrem
- Trabalhador por conta própria
- Trabalhador-Estudante

Tempo de serviço na instituição: _____

Função: _____

Tempo de serviço na função: _____

É supervisor?

- Sim
- Não

Tem carta de condução defensiva? (Modelo 1-IMTT)

- Sim
- Não

Quantas vezes se viu envolvido(a) em acidentes de trabalho nos últimos 12 meses (indique o nº de vezes):

- Com danos materiais
- Com lesões físicas

Quantas vezes teve uma multa ou consequências disciplinares por não ter cumprido as normas e procedimentos de segurança? _____

OBRIGADO PELA SUA PARTICIPAÇÃO!